

REVISTA = DO ENSINO

— ORGAN OFFICIAL —
DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO

SUMMARIO

J.: Os grandes nomes da Pedagogia: Pestalozzi. — Viagem de Bello Horizonte a Natal — *Gustavo Penna*: O culto da verdade nas escolas. — *Secretaria do Interior*: Aos Inspectores Regionaes do Ensino — Como devem ser os Jardins da Infancia. — *Aurea Queiroga*: As gravuras aproveitadas intelligentemente para lições. — Como se desenvolve, na criança, o gosto pela leitura. — *M. Luísa de Almeida Cunha*: Os exercicios de observação no ensino moderno. — *Lucio José dos Santos*: Claudio Manoel da Costa. — *Prof. Carlos Góes*: Estudo das Locuções correspondentes ás Palavras. — Dois sonetos de Olavo Bilac. — Um quadro authentico de Marília de Dirceu. — *Eduardo Frieiro*: Como devem ser feitos os livros para crianças. — *Vitalia Gamos*: Como se faz uma lição de arithmetica. — As chamadas escolas innovadoras. — *Branca de Carvalho Vasconcellos*: O canto nas escolas. — Como deve ser a professora para exercer, com exito, a arte de ensinar. — *Folk*: O Chico Preguiça. — Os jogos nas escolas. — O ensino de costura e trabalhos manuaes no curso primario. — Para fazer a raça forte e enérgica.

**BELLO HORIZONTE
MINAS GERAES**

REVISTA DO ENSINO

ORGAN OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCCAO

ANNO II

Bello Horizonte, Março de 1926

NUM. 12

OS GRANDES NOMES DA PEDAGOGIA

JOHANN HEINRICH PESTALOZZI

Johann Henrique Pestalozzi nasceu em 1746 em Zürich e falleceu em 1827 em Brugg. Orphão muito cedo de pai, foi guiado pela sua mãe, senhora de grande piedade, que teve com elle cuidados talvez demasiados.

Durante toda a sua vida, dedicou-se Pestalozzi á educação das crianças. E de quanto se identificava elle com a sua obra, dá-nos noticia uma carta que escreveu a Gesner: "Nada pi suoz; não tenho amigos nem servos; tenho apenas os meus alumnos. Si gozam saúde, estu a no meio delles; si docentes, permanço ao seu lado. Durmo no mesmo aposento que elles. Suo o ultimo a deitar-se e o primeiro a levantar-se. Depois que todos nos accommodamos, oro ainda com elles e lhes ensino alguma cousa até que adormecam".

Publicando os seus livros, depois de 1780, adquiriu logo Pestalozzi grande nomeada. Ao seu estabelecimento de Verdun accorriam pessoas de toda a parte, que iam conhece-lo e com elle aprender. Entre esses visitantes figuraram Frobel e Herbart.

Não lhe faltaram inimigos e teve que fechar o seu estabelecimento, morrendo pouco depois.

Os principios educativos de Pestalozzi resumem-se no seguinte:

O homem é um animal, mas possui uma alma immortal. As forças da natureza humana agrupam-se nos tres dominios: moral, espirital e physico.

Pelas primeiras, eleva-se o homem á mais alta dignidade de que a sua natureza é capaz.

Pelas segundas, adquire o conhecimento da verdade.

Pelas terceiras, torna-se apto para bem exteriorizar e aproveitar o que o espirito produz.

A perfeição do homem consiste no desenvolvimento harmonico dessas forças.

O fim da educação é aperfeiçoar a natureza humana. Os seus fundamentos são: a fé e o amor.

O amor, diz Pestalozzi, é a essencia da educação; e esse amor nasce da fé em Deus.

A educação deve, pois, ser conforme á natureza humana. A educação moral é mais importante que o ensino.

O ensino comprehende a linguagem, a forma e o numero.

O ensino deve consistir em estimular a actividade da criança, privando o desenvolvimento natural da sua capacidade; e o melhor methodo para isso é o socratico.

A educação e o ensino devem, pois ter uma base psychologica.

Não poucos defeitos tem o systema pestalozziano. Faltaram-lhe ordem e organisação.

Conheceu pouco e mesmo desprezou o que antes delle se havia feito, gabando-se de só conhecer um livro — a natureza.

Ora, como essa natureza fora mal orientada, pela educação excessivamente domestica e intima que recebeu, dali os seus defeitos: a supremacia do sentimento sobre a razão, a inexpetencia, o caracter pouco pratico.

Embora sendo um crente, soffreu Pestalozzi a influencia da epocha, reinando em toda a sua obra, um sopro racionalista.

Exaggerou o methodo, que erradamente suppoz experimental, degenerando no formalismo e mecanicismo.

Entretanto, o amor pelas crianças, o espirito de sacrificio, o desvelamento do ensino, do

canto, do desenho e do calculo, a publicação de escriptos que agitam os meios pedagogicos, tudo isso demonstra o grande valor de Pestalozzi e faz delle o verdadeiro creador da Pedagogia social.

J.



Viagem de Bello Horizonte a Natal

*Lição, em forma de palestra, para
alunos do terceiro ano primario*

A Revista continúa a publicar estas chamadas peças de dramatização, que o nosso professorado deve acolher com carinho. Uma viagem, por exemplo, de Bello Horizonte ao norte do Brasil não pode ser apresentada com mais leveza e com mais intelligencia do que nesta espendida palestra em classe.

Sylvio—Tenho hoje, queridos collegas, uma noticia para dar-lhes.
Alexandrina—Qual será?
Antonio—Boa ou má?
Sylvio—Para mim, pelo menos, é muito boa.
Alarico—Algun passeio?
Hilda—Uma excursão?
Sylvio—Sim, um passeio magnifico.
Eduardo—Onde vai você?
Sylvio—Vou a Natal.
Branca—Você quer a minha companhia, Sylvio?
Sylvio—Com muito prazer. Pretendia mesmo convidar alguns collegas.
Delza—E algumas collegas tambem, não é Sylvio?
Sylvio—Esther, Marita Delza e todas as outras que se interessam pelo estudo podem apromptar as malas porque partiremos ainda hoje.
Albino—Hoje? Não é possível!
Albertina—Como avisaremos aos nossos paes?
Eurico—A esta hora não acharemos leitos desocupados.
Sylvio—Não se afflijam. A nossa viagem será deserta, que dispensam bagagem e que não nos trazem a tristeza da despedida.
Berenice—Como vamos então fazer esta viagem?
Diva—Eu estou quasi adivinhando.
Geraldão—Que presumpção, Diva, você nunca fez destas viagens...
Dagmar—Eu tan bem quero ir, mas não sei si Mamãe dekará...
Esther—Dúvido. E' tão longe.
Ivo—Mas o Sylvio já disse que será uma viagem tão boa que ninguém terá saudade dos que ficam.
Dagmar—Nem da Mamãe?
Julio—E você, Ivo, não diz nada?
Ivo—Imponho uma condição:— Hoje não partiremos.
Sylvio—Hoje, já e si quizer!
Ivo—Pois então eu fico.
Clery—Elle vez arrender-se.
Helio—Quando o trem der signal de partida, havemos de ver o Ivo, com as malas na mão, a correr...
Edna—Do trem ou para o trem?
Helio—Com medo de perdê-lo.

Sylvio—Posso afirmar que ninguém perderá o trem; sabem porque?
Marita—Sylvio, não estamos brincando de adivinhação.
Olivina—Fale, de uma vez.
Sylvio—Muita attenção! Escutem, companheiros: vamos seguir agora para Natal, mas em viagem simulada.
Stella—Ah! Ah! que engraçado!
Marita—Eu já esperava isto.
Louredes—Daqui seguiremos para o Rio, não é?
Sylvio—Sim; ás 7 horas e vinte sahiremos daqui, pelo nocturno de luxo.
Odete—Então não poderemos ver as cidades por onde passarmos.
Lauro—Já sabemos muito bem este ponto.
Meselinda—Não é bom repetir-o.
Regina—Desejo muito que vocês me chamem quando estivermos perto de Juiz de Fóra.
Wilson—O que quer você ver lá?
Regina—Sei que da estação de Juiz de Fóra avista-se bem no alto a imagem de Christo Redemptor, dominando a cidade.
Nelly—A que hora chegaremos ao Rio?
Marita—Como não dependemos de trem de ferro, lá estaremos ás 11 horas.
Stella—Quanto tempo ficaremos no Rio, Sylvio?
Sylvio—Alinda não sei.
Ruth—Deveremos esperar uns dias, para conhecermos a cidade.
Plínio—Iremos ao Pão de Assucar...
Annitá—E' alguma confeitaria, Plínio?
Plínio—Não, Annitá, é um passeio esplendido que faremos no bond aereio.
Roberto—Por meio deste bond, Annitá, subiremos ao alto da serra e de lá apreciaremos toda a cidade.
Ondina—Teremos a impressão de ver uma cidade em miniatura.
Cid—Veremos tambem a grande Bahia de Guanabara.
Zuleika—Meu tio com certeza nos levará a Niteroy?
Diva—E este passeio é muito bom?
Wilson—E' agradabilissimo, Branca. Faremos a travessia da bahia numa barca.
Osmar—O Corcovado é tambem um bom passeio.
Marita—Todas as manhãs iremos á praia, não é?
Diva?
Ivo—Gosto muitissimo de brincar na praia.
Esther—Eu tambem lá estarei sempre que for possível.
Sylvio—Não podemos demorar mais tempo; devemos partir.

Dagmar—O vapor Bahia parte amanhã e as nossas passagens já foram compradas.
Geraldão—Vamos directamente a Natal?
Sylvio—Não; faremos escala em diversos pontos.
Berenice—Em Victoria teremos uma pequena parada.
Eurico—Victoria é a capital do Espirito Santo.
Albertina—Mas não está no continente.
Albino—Está situada na ilha de Victoria.
Marita—E' uma cidade pequena, mas muito bonita; tem bons edificios, como o Palacio do governo, a Prefeitura, a Escola Normal etc.
Alarico—E casas particulares bem bonitas.
Nelly—O Palacio do governo tem uma grande escadaria que torna o edificio ainda mais importante.
Esther—Seguindo para o norte, vamos agora chegar á Bahia.
Ruth—Logo na entrada da Bahia de Todos os Santos avista-se a ilha de Itaparica. Ahi está tambem o mais importante porto da Bahia.
João Claudio—A capital da Bahia está pois, bem situada.
Lauro—Lembram-se ainda do Porto Seguro?
Dagmar—Foi o ancoradouro da esquadra de Pedro Alvares Cabral.
Alarico—A produção de cacau na Bahia é assombrosa.
Berenice—O fumo e o cacau fazem a fortuna da Bahia.
Alarico—Sylvio, quero que você me faça um favor.
Sylvio—Pois não, Alarico, com muito prazer.
Alarico—Quero descaçar alguns dias na Bahia, para levar de lá uma provisão das deliciosas laranjas que lá se encontram.
Delza—Mamãe me recommendou que levasse um grande carregamento de côcos da Bahia.
Abilio—Lá ha tambem outros fructos muito saborosos, Delza; as mangas, os marmelos e os abacaxis da Bahia são afamados.
Nelly—A Bahia é um dos Estados que têm maior costa.
Esther—Então é por isso que a pesca allí é muito importante.
Eurico—Espero encontrar no almoço uma bonita garotupa.
Ruth—Na costa bahiana apanham-se tambem baleias.
Marita—A pesca da baleia é muito vantajosa, porque deste mamifero tu-lo se aproveita.
Roberto—Mamifero, não, peixe.
Marita—Eu sei o que estou fallando, Roberto. Tenho certeza.
Stella—Vamos fazer uma pequena visita á cidade da Bahia.
Wilson—Esta cidade é muito antiga.
Ivo—Foi fundada em 1549 pelo primeiro governador da Bahia.
Helio—Thomé de Souza era o seu nome.
Stella—Onde preferem ir: á Cidade Alta ou á Cidade Baixa?
Plínio—Prefiro visitar a Cidade Baixa por ser mais commercial.
João Claudio—E' ahi o ponto inicial da estrada de ferro Bahia e S. Francisco.

Odete—Vocês sabem que a cachoeira de Sobradinho fica neste Estado?
Hilda—E proximo do limite de Pernambuco.
Alarico—Deixando Bahia, iremos parar em Alagoas.
Plínio—Porque tem este nome?
Ondina—Você não é capaz de adivinhar, Plínio?
Osmar—Porque o littoral é baixo e cheio de lagoas.
Clery—Qual é o principal porto de Alagoas?
Dagmar—E' Jaraguá, muito perto de Maceió, a Capital.
Alarico—Apezar de possuir terrenos férteis, Alagoas está ainda atrazada em agricultura.
Plínio—Sabe, Albino, que ahi ha páo brsl?
Albino—E ainda outras madeiras muito uteis.
Nelly—O que ha de muito notavel em Alagoas, Marita?
Estella—Marita deve saber muito bem tudo isto, pois não foi ella quem nos ensinou o curso do S. Francisco em Minas?
Marita—Não tenho tão grandes conhecimentos com o S. Francisco, mas posso fallar-lhes alguma coisa sobre a cachoeira de Paulo Afonso. — O S. Francisco, depois de medir mais de 1.000 metros de largura, vae-se estreitando rapidamente chegando a ter só 26 metros e corre apertado entre duas cadeias parallelas que formam medonhos precipicios. A Paulo Afonso tem diversas quedas. Na grande queda a agua produz um barulho tão forte que é ouvido de muito longe. A agua toma uma côr leitosa, parecendo espuma.
Helio—Que bellissimo espectáculo ha de ser!
Eurico—Vocês já viram alguma photographia desta cachoeira?
João Claudio—Já vi a photographia das cachoeiras de Casas d'Anta e de Paulo Afonso.
Abilio—Seguindo para o norte encontraremos Recife, a Capital de Pernambuco.
Albertina—Esta cidade fica na foz dos rios Bebe ribe e Capiberibe.
Marita—Recife está dividida em tres bairros, ligados por pontes que dão á cidade um lindo aspecto.
Berenice—Esta cidade é chamada a Veneza Brasileira.
Eduardo—As principaes riquezas de Pernambuco são: assucar, algodão, cacau e fructas.
Helio—Estamos quasi no fim da nossa viagem.
Wilson—Podíamos portanto ficar alguns dias e visitar as cidades pernambucanas.
Alexandrina—Primeiramente iremos a Victoria.
Annitá—E' uma cidade rodeada de montanhas.
Lauro—A linha Recife a Barão do Rio Branco atravessa Victoria.
Plínio—Deveremos então tomar esta estrada, não é, Sylvio?
Louredes—Victoria é uma das cidades mais adiantadas de Pernambuco.
Roberto—O seu clima é muito saudavel. Lá havemos de passar horas bem agradaveis.
Ondina—Quêos os principaes productos desta cidade, Clery?
Clery—Fumo, algodão e fructas deliciosas.
Esther—O Brasil é a terra das crianças gulosas,

Regina—Por toda a parte encontram-se fructas e sempre deliciosas.

Edna—Já saboreamos o café e as fructas de Victoria e agora que surpresas encontraremos em Pesqueira? Dagmar—Para ir até lá, devemos seguir pela mesma Estrada.

Eurico—Já que você é excessivamente amigo de cousa boas, Roberto, tenha uma cousa a dizer-lhe. Roberto—Diga logo! Minha bocca já es-pera uma gulodice.

Eurico—Justamente. Imagine, Roberto, que os habitantes de Pesqueira dedicam-se ao preparo de doces e refinação de assucar.

Lauro—A goiabada Pesqueira virá de lá?

Petronio—Penso que sim!

Ruth—Voltemos agora a Recife, para de lá continuarmos a nossa viagem.

Dagmar—Devemos entrar agora no porto de Cabedelo, em Parahyba.

Helio—Tenham muito cuidado porque ahí ha bancos de areia que dificultam a navegação.

Alricio—Vocês vão gostar muito das praias de Parahyba.

Stella—S'o lindas. As mais procuradas são as de Miripipe e Campinas onde ha grande coqueiral.

Lauro—Os coqueiros são uma das principais riquezas da Parahyba.

Osmar—O algodão é tambem uma fonte de riqueza do Estado.

Ruth—E' verdade que o caroço do algodão é dado como alimento ao gado?

Mazita—E não é só isso, Ruth. O caroço fornece azeite para a iluminação.

Sylvio—Para agradar ao Roberto tenho um aviso a fazer: os cajús da Parahyba são os mais gostosos que se conhecem.

João Claudio—Oh! Roberto, quasi que o vapor parte e vouce de terra a comprar cajús.

Plinio—Parece-me que elle vai abrir uma confeitaria e preparar diariamente refrescos e sorvetes de cajú.

Esther—Já se avista Natal. Vamos desembarcar e descansar.

Roberto—Descançar, não. Vou primeiramente conhecer a cidade e visitar as sítinas. Depois seguirei para Macaú, na foz do rio Assú, muito importante não só pela exportação de sal, como tambem de algodão, cera de cernúba e borrhaca.

Sylvio—Está linda, nossa viagem. Estou satisfeito com meus bons collegas aos quos convido para fazer, no proximo anno, uma grande viagem pelos paizes da Europa.

O culto da verdade nas escolas

Um facto interessante da meninice de Washington.

Outro episodio que vive pelo heroismo que o illuminao.

Por GUSTAVO PENNA

PARECE existir notavel semelhança entre um passador de notas falsas, que o crime infirma, e o mentiroso, desbriado pelo vicio, sem prestigio perante a propria familia, desmoralizado na sociedade em que vive.

Delle accediamos de boa fé a mentira urdida, como recebemos sem desconfiar uma cedula, tão bem impressa, que se dizia gravada pela *American Bank Note*, e, sem apercebermos que não é legitima, passamos-a para diante, cometendo, sem saber, um verdadeiro crime. Assim tambem, vamos dando curso á mentira, que nos impinge o peteiro, e ainda bem quando não contem o resalibo d'uma calumniasinha...

O mentiroso incuravel parece soffrer uma doenca, a que dei o nome de *mentitide*, uma forma de loucura mansa. Sem elle esse nenhum, sem necessidade, borda os mais extraneos rendados na toalha da ima-

ginação. E com que seriedade, com que simulada convicção vai desentilhando a caraminhola!

Entre os homens mais imaginosos, fabricantes de graciosas mentiras, inoffensivas e muitas vezes tão agradaveis de ler ou de ouvir, salientam-se os caçadores e os poetas.

O podengo d'um filho de Diana a caçadora, tem, no dizer delle, o furo tão apurado, que fareja as frufas, as tubaras, até a cem metros abaixo do solo, e com esforço e treino, poderia descobrir pelo olfacto diamantes de trezentos quilates no fundo do Jequitinhonha, ou alguma cidade soterrada, ha milhares de seculos, nos desertos africanos.

O filho de Apollo, esse, vivendo nas nuvens fantasticas, formadas pelo seu genio, cada vez mais engrandecidas pela sua imaginação inspirada, é, em muitas poessias, a imagem perfeita do sonho, isto é, do irreal,

do inexacto, do falso, portanto. Um magnifico poeta neno, dedicou a um amigo meo, homem de seus sessenta annos, magnissimo, feio, anguloso, uma linda poesia, que, seguida ao titulo, principiava assim: «A belleza do teu collo...» Naturalmente o homenageado concordou com esse elogio, tão lyrico. (*)

Um individuo adiantado em annos, excellente pae de familia, modelo de casados, eleitor disciplinado, bom guarda nacional, possue grande talento, o que, ás vezes, é um embaraço na vida, e tem a veia poetica muito entumecida, necessitando, de quando em quando, de acalante sangria. Eilo o sonar paixões amorosas, scenas de *Paolo e Francesca*, ardeencias que estão reclamando uma bomba de incendio, confissões de tão indelicados amores, que, se fossem reaes, justificariam o divorcio. Deve a gente admirar os versos, sem se lembra: da cara, do estado civil e da idade do ardente poeta. Todavia, se roubassem á litteratura a imaginação, o formoso mundo das letras seria triste e esteril como um paisagem da lua.

Isto, que parece de La Palisse, é profundamente verdadeiro.

Todavia, o culto da verdade assume, ás vezes, nas crianças, o aspecto de verdadeiro heroismo, de uma tamanha firmeza animo que não está na sua indolência, naturalmente proposa sobrenatural, não sabendo ainda o quanto a mentira deprime a consciencia do homem feio. As historias que lhe contiam, as promessas que lhe fazem e não se cumprem, tudo contribue para que aquelle espirito em botão viva e cresça n'um ambiente pouco apropriado para lhe avigiar no caracter o culto da verdade, lembrando certos peixes, que somente crescem e vivem bem na agua lodosa.

E' por isso que um acto de energia moral do menino, que padecia, que soffria por amor da verdade, mais enternecce e admira do que se o praticasse um homem feio. E' muito conhecido o caso de Jorge Washington, um dos homens mais puros que a humanidade tem conhecido até agora.

Seu pae, e de quelles austeros fazendeiros americanos, der-lhe, uma vez, de presente, uma cado era ainda bem menino, um machadinho, bem enfiado, e bem cortante. E o futuro presidente e fundador da republica dos Estados Unidos, encantado com o mimo, foi logo experimentar-lhe o gume, atacando uma linda arvore nova, que seu pae havia plantado e tratava com muito carinho.

E *pam!* e *pam!* o machadinho do pequeno Jorge vibrava compassados golpes na arvore, que, afinal, deu um estalo, como se fôra um gemido de noorte, e tombou pesadamente, enquanto o menino, fatigado e triumphante, enxugava o suor, julgando haver praticado uma acção heroica, derribando uma torre eila.

E quando o velho pae, vendo por terra a estirada planta, perguntou, com irado semblante, que a havia cortado, Jorge Washington, embora prevenido que seria duramente castigado, não occultou medrosamente a verdade, e confessou ter sido o autor do malfeite, não hesitando entre o castigo e a mentira. Aquella sua franqueza tanto commoveu o pae, que lhe perdou sem colera, já desfeita pelo justo orgulho de ter um filho que mostrava ser tão amigo da verdade, tão digno em idade tão pequena ainda.

Outro caso ainda mais commovente, encontrei-nos num recente livro de Lacourt Gayet, do Instituto de França. É a historiazinha d'um pequeno dinamarque, passada ha cousa de sessenta annos, talvez.

Davyis que a Prussia *quis nominar* lei, apode'rou-se dos ducaes de Slesvig e de Holstein, que pertenciam á Dinamarca até a batalha de Sadov, foi determinado que em suas escolas primarias as lições seriam em allemão e não mais em dinamarquez. Era um dos meos empregados para a germinação do paiz annexado.

Um dia, n'uma escola primaria da Jutlandia, o mestre disse a seus discipulos que lhes ia ensinar uma linda canção ou hymno escolar.

—Vamos, ordenou, ponham-se de pé. Vamos cantar este hymno, tão lindo; *Ich bin ein Preusse*. (Eu sou prussiano.)

Começa o choro infantil; depois, no fim dos primeiros compassos, somente o professor está cantando...

—Corja de bandidos!, gritou furioso. Querem receber uma bôa coiza de bordoadas? Não querem, talvez, ser uns bons prussianos, defensores da patria? Preferem ser uns traidores, desses que vão para as masmorras mais escuras d'fortaleza de S'indua?... Esperem que os ensino! Vamos cantar. Atenção! Um, dois, tres! *Ich bin ein Preusse*.

Mas, quê?... Os meninos cantam a plenos pulmões; *Ich bin kein Preusse*. (Eu não sou nenhum prussiano.)

O furor do mestre escola torna-se quasi um accesso de epilepsia! Foi o menino Canuto, filho d'uma pobre camponessa, quem organizou a conspiração. Re-cebe logo muitos soccos, e é atirado brutalmente para fóra da aula.

No dia seguinte volta o Canutinho. Já ali estava o pastor lutherano e o inspector das escolas; preparava-se alguma coisa bem grave.

—Persistes em não cantar *Ich bin ein Preusse*? pergunta-lhe o inspector, com o semblante carregado de ameaças. Sim, resp'ndeu o Canuto.

—E porque?—Porque não quero dizer uma mentira. Sou dinamarque e não prussiano.

Tenta ainda o pastor lutherano benevolamente... Não, insiste o menino. Nunca memem em nada minha vida... Tragam a palmatoria, ordena o inspector. Tira a blusa, ordena ao alumno. Retira-se o pastor, para não assistir a barbara scena do castigo.

O mestre escola brande a ferula, que vai cahindo sobre as costas suas do menino. Ah, que volúpia torturar um juttingão meridional! As palmatorias desfilam compassadas sobre aquelle pequeno dorso nido. Canuto não grita, não chora; mas, afinal, não pedem mais com as dores do castigo brutal, cae por terra, desmaiado.—Basta, exclama o inspector. Levem-no para casa n'uma carroça.

Algumas horas mais tarde, estavam o pae e a mãe junto da caminha do filho. O pae fechava os punhos, torcia-os com ira, a mãe chorava mansamente.—Mãe, mãe, não chore, não chore, mamãe! Eu soffri muito as pancadas, doia-me tanto!... Mas, não menti!

Bello Horizonte, 20 de fevereiro.

AOS INSPECTORES REGIONAES DO ENSINO

Iniciados os trabalhos nos grupos, escolas primarias, collegios e Escolas Normaes do Estado, a Secretaria do Interior julga opportuno e vem fazer aos inspectores technicos regionaes, organos de fiscalizaçao do ensino, este aviso, que é tambem um sincero appello, e cujo cumprimento recommenda, como directriz da sua acção no corrente anno.

Dentro da alçada que lhes traça o Regulamento, têm os inspectores regionaes um campo largo para cumprir o seu dever. Não é uma pagina fria, para ser friamente entendida e praticada, a que o Regulamento reservou á sua dedicaçao e ao seu enthusiasmo. E a Secretaria, ainda uma vez clamando ao espirito destes altos funcionarios, para realizarem com intelligencia o que a lei intelligentemente lhes manda e o patriotismo confiantemente lhes acena, acredita que vae bater a portas generosas, já felizmente abertas á luz de um grande e nobre esforço em favor da instrucção do povo mineiro.

A fiscalizaçao do ensino precisa, dia a dia, receber um influxo novo de força. Não póde parar, nem circumscrever-se a moldes mecanicos e estreitos. Tem de ser energia e movimento, resplandecer mesmo de vida e de exaltação, para que o ambiente, em que se exerce, fique sempre impregnado do brilho e do calor deste impulso.

Ao chegar á escola, não deve esquecer-se o inspector regional de que é, ali, a figura orientadora, que indica as falhas mas aponta os remedios, e leva assim o rumo novo a seguir, como a centelha do estimulo, para o mestre e para o alumno. Verifica si o professor vae acompanhando, através das leituras officiaes, o rumor da actividade que agita as rodas do ensino e si está ao par do aperfeiçoamento que os novos methodos lhe traçam. Indaga do programma, observa a sua execução, procura no adeantamento da classe o éxito e a projecção do trabalho educativo que a escola apresenta.

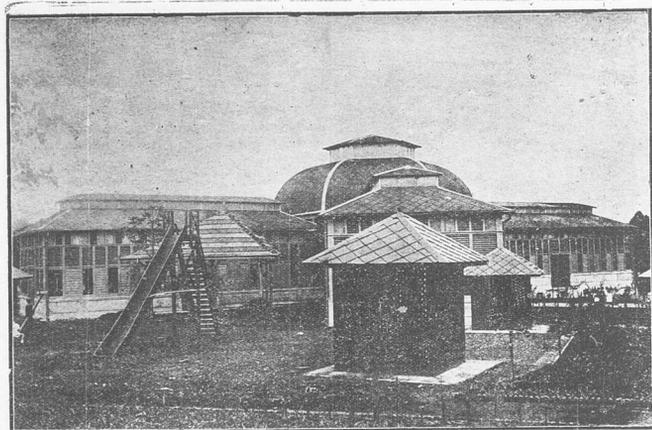
Realizados, dentro da sala, um a um, os preceitos que o seu claro juizo indica e o Regulamento lhe marca, dá o inspector outro passo adiante e vae certificar-se, no meio social em que vive o estabelecimento, si esta escola ali realmente floresce, si a Associação das Mães de Familia, si as festas e as caixas escolares, e outras esplendidas iniciativas encontram alerta e accessa a solidariedade publica e si todas fazem da vitalidade do ensino o vertice de incidencia a que vão ter as mais fortes correntes do enthusiasmo colectivo. Transforma-se então o inspector no conferencista, que a todos fala e transmite o mesmo fluido renovador, conversando, provocando opiniões, congregando os espiritos claros, desejando, enfim, envolver na campanha a unanimidade da população.

Seguindo este caminho, de alma levantada, impondo-se pelo equilibrio das attitudes, e imprimindo sempre, principalmente, uma nota de flagrante eficiencia pratica á acção que desenvolve, o inspector regional não somente presta á causa, que tem nos hombros, um serviço que não morre. Elle realiza tambem, por assim dizer, o trabalho pessoal de levantamento da sua propria missão, e em vez de deixar a impressao de que é pequena ou apagada a sua tarefa, dá-lhe ao contrario linhas luminosas, tornando-a mais alta e mais nobre.

Esta directriz resalta em muitos avisos esparços, publicados no anno passado.

Mas a Secretaria resolveu agora, e de modo mais claro, dar-lhe este novo relevo, sob a fórma de recommendações aos inspectores regionaes, porque entende que, em materia de ensino, como noutros campos de actividade, o nosso Estado vae serenamente triumphando.

Não se deve, pois, deixar que se apague, ou mesmo se empalideça, o fulgor desta grande cruzada.



ESCOLA INFANTIL BUENO BRANDÃO, DA CAÇATÃ

Como devem ser os jardins da infancia

*Uma obra de remodelação que é
tambem uma expressão de bom gosto*

PUBLICAMOS hoje dois *clichés* interessantes. Elles nos mostram dois aspectos do pateo da Escola Infantil Bueno Brandão, cujo jardim passou recentemente por uma reforma integral. O governo mandou fazer ali, sob a direcção do engenheiro Odilon Dias Pereira, diversos serviços, que remodelaram por completo o que ali havia.

O jardim, de todos os lados por que seja visto, apresenta agora um aspecto mais elegante, com outras apparencias de alegria e com um traçado mais espacoso para o recreio da peizada.

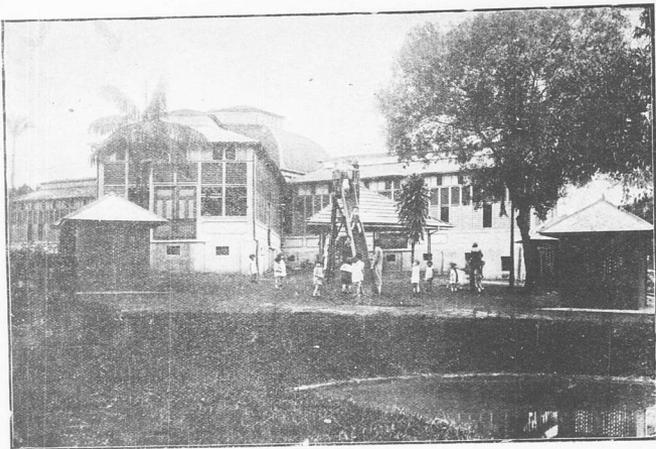
Isto, porém, não é tudo que o governo ali realizou. Nem é o principal.

Vem-se agora, espalhados na largueza macia do grammeado, muitos brinquedos interessantes, sem perigo algum para as crianças, que passam ali horas divertidas, tocadas de um rumor sadio de vida. Uma das

nostas gravuras mostra, por exemplo, bem nitido, um deslizador armado em logar proprio, ponto de reunião seductora para os pequenos que frequentam a Escola Infantil.

O recreio daquelle estabelecimento tem agora, pois, uma nota realmente interessante. E o governo, que tão excellentemente levou a termo a sua idéa, não fez mais do que seguir o rythmo de iniciativas que se propoz realizar em nossas escolas, que devem ser, como lembrou na sua mensagem o sr. presidente Mello Vianna, verdadeiros centros de alegria, abertos ás melhores vibrações da alma infantil.

A reforma dos Jardins da Infancia, de que o governo está cuidando com o maior carinho, não podia, pois, deixar de figurar nesse plano alto de realizações e objectivos.



ESCOLA INFANTIL "BUENO BRANDÃO" — CRIANÇAS BRINCANDO

As gravuras aproveitadas inteligentemente para lições

Exemplo de uma aula viva, em que os alumnos aprendem, palestrando. De factos da vida quotidiana passam a falar da bandeira do Brasil. Um perfume de poesia no modo de ensinar.

AUREA QUEIROGA

N^O quadro negro estão pregadas diversas gravuras. Dentre estas os alumnos escolhem as duas que na s'elles agradam. A primeira representa uma sala de jantar, bem cuidada e enfeitada de flores, tendo ao centro uma mesa baixa e pequena, rodeada de cadeiras, tambem na mesma proporção. Duas meninas ahí tomam a merenda, composta de doces, biscoitos, frutas e refresco. De pé, ao lado da mesa, um menino vestido com um terno de copeiro segura uma bandeja com um bule e duas chiacaras. A outra gravura representa a varanda de uma boa casa, onde duas crianças, um menino

e uma menina, vêem passar um regimento. A bandeira nacional está bem á vista e todos os seus detalhes podem ser notados.

Ruth—De todas as gravuras que estão no quadro negro, Diva, qual é que você mais aprecia?
Diva—A que mais me agrada é aquella que representa tres crianças brincando de visita.

Ruth—Tem razão; o menino vestido de criado está mesmo compeetrado do seu papel.

Wilson—Reparem com que cuidado elle segura a bandeja!

Esther—Aquelle aventalzinho listado parece que foi feio a pr'posito.

Delza—E elle é copeiro de muito luxo; calcinha de velludo, blusa de seda...

Dagmar—E sapato de verniz!

Meselinda—E as meninas, que gracinhas!

Ivo—Com que apuro a Lucia si aprontou para visitar a prima Lili.

Berenice—Aquella menina de cabellos louros que está com um linho chapéo vermelho, enfeitado com fita azul, chama-se Lucia.

Nelly—Muito prazer eu conheci-a.

Dagmar—Lindo o vestido amarelo da Lucia.

Esther—E a dona da casa? ...

Regina—Tão pequena e já sabe receber quem a procura.

Edna—Ella está muito empenha em preparar um bom refresco para offerecer a Lucia.

Stella—Lili tambem traz um bello vestido. A

cór rosada de suas faces parece o reflexo da sua roupinha.

Eurico—Quem terá arrumado a sala?

Sylvio—Com certeza, o copeiro...

Marita—Não; foi Lili. Ella aprecia imensamente as flores. Eu já vi o seu jardim; é pequeno, mas lá só se veem flores delicias.

Albino—Ainda ha outro quadro muito bonito.

Joé—Mais expressivo.

Diva—E de mais facil interpretação. Por que o não descreverem?

O.ete—Pois eu ainda estou apreciando o chapéo de Lucia...

Lourdes—E eu a admirar o tamanhinho da mobilia da sala.

Eduardo—Você reparou, Silviano, como as meninas gostaram desta gravura?

Silviano E nós pouco tivemos que fallar della.

Delza—Então vocês não acharam interessantes aquellas crianças brincando de visita?

Sylvio—Francamente, não, Delza. Prefiro as outras gravuras.

Albino—Era o que eu queria dizer.

Sylvio—Olhem um pouco acima, á direita, e vejam que bella gravura!

Manoel—E' o regimento...

Wilson—Sim; a nossa bandeira empunhada por um soldado de um garboso batalhão.

Eduardo—Então, meninos, quem escolheu melhor?

Marita—Sylvio, ha dias entrou para a nossa sala um menino bem atrazado; não seria melhor

Para educar a infancia, é mister comprehendê-la e amá-la. Mas para lhe querer muito, cumpre saber o que ha nella de verdadeiramente bello e verdadeiramente amavel. — P. Janet.

que você lhe falasse das bellezas da nossa Bandeira?

Sylvio—Quem souber, pôde responder as minhas perguntas. Por que ha na nossa Bandeira a cór verde?

Julio—Verde é a cór dos mares que embellezam a nossa terra...

Sylvio—Muito bem! Continuem!

Eurico—O amarelo representa o ouro e as riquezas que encerra o solo do nosso amado Brasil.

Albino—O azul nos lembra o formoso céo azul risonho e limpido, onde, á noite, brilha o esplendido Cruzeiro do Sul.

Esther—Bem razão tinha Gonçalves Dias quando no Cancão do Exilio escreveu: «Nosso céo tem mais estrelas»...

Alarico—E' a nossa lição de leitura que voce ainda está a recordar, não é, Esther?

Esther—Sim; e era essa a lição que o João mais gostava.

Branca—As vinte e uma estrelas nos ensinam que o Brasil conta com vinte Estados e um Districto Federal para trabalharem pela sua prosperidade e pela paz.

Stella—Quanta belleza! Céo, ouro, matas!

Esther—Em bellissima quadralinha um filho de Bernardo Guimarães assim nos falla da nossa Bandeira:

O azul em cima, e cá em baixo

O verde eterno e sem fim;

Aos lados ouro... E resume

A bandeira, a Patria assim.

Marita—Muito bem! A sua memoria é admiravel, Esther.

Diva—Olhem aquellas crianças na varanda...

Eurico—São crianças bem educadas, pois sabem respeitar a Bandeira.

Sylvio—Elles estavam brincando na varanda de uma casa muito confortavel.

Nelly—Você conhece esta casa, Sylvio?

Sylvio—E' o que representa a gravura. Nunca vi aquella casa.

Eurico—Certamente era o dia da festa da Bandeira...

Diva—Dia 19 de Novembro...

Geraldo—Ora, Diva, não interrompa assim o Eurico!...

Eurico—A' hora em que os soldados iam desfilar em continencia á Bandeira.

Wilson—Si fosse áquelle menino que está na varanda, gritaria «Viva a Bandeira».

Como se desenvolve, na criança, o gosto pela leitura

Um interessante projecto americano, que pode ser entre nós adoptado. — Organização de bibliotheca escolar em cada sala — Como se faz — Como os alumnos se interessam.



NÃO são todas as crianças que gostam de ler e que se interessam pelos livros. Muitas precisam ser estimuladas; e, nos Estados Unidos, onde o ensino está mais adiantado e tem um character essencialmente pratico, as professoras inventam projectos para tirarem as crianças de sua indifferença e para despertar-lhes o entusiasmo pelos livros, fazendo com que todas cooperem para a formação de uma livreria escolar. Damos aqui um exemplo do methodo empregado numa das escolas americanas e adoptamos ao nosso meio.

O PROBLEMA DA PROFESSORA

«Como despertar o entusiasmo e o esforço nas crianças que já se jã bastante grandes para transformarem sua indifferença pela leitura em interesse genuino por ella».

Sentindo-se incapaz de levar avante seu projecto sem ser auxiliada, a professora appellou para o inspector cuja capacidade estava à altura de qualquer situação, e eis como foi decidido o caso.

O primeiro passo para resolver-se o problema da professora era descobrir um motivo que interessasse vivamente as crianças.

O inspector sabia que a directora do estabelecimento era muito querida pelos alumnos; por isto elle lhes suggeriu que fizessem qualquer coisa que agradasse à directora; e as crianças começaram a realizar seu projecto.

PRIMEIRO PROJECTO DAS CRIANÇAS

FAZER ALGUMA COUSA QUE CAUSASSE À AUCTORA ESPECIAL PRAZER

Problema I. Descobrir o que lhe poderia agradar.

Depois de se fazerem diversas suggestões, das quaes nenhuma foi bastante satisfactoria, o inspector disse: «Sabem que a directora gosta muito de ler?» «Gosta? Então vamos ler para ella». Disseram algumas crianças. As outras concordaram com isto.

Surgiu então o segundo problema:

Problema II. Que é que deveriam ler para a directora?

«Vamos ler alguma coisa de nosso livro de leitura?» Perguntou uma.
«Não», disse outra, «ella sabe tudo de ha-nos nossos livros de aula. Arranjemos alguma coisa que ella não conheça».

Assim, começaram a procurar alguma coisa nova e digna de ser lida à sua querida directora.

As crianças leram o que puderam achar em casa, e, quando julgaram que tinham achado alguma coisa que servisse, trouxeram-na para a escola. Entre os muitos livros que trouxeram estavam: «Historia da Baratinha» e «Historias da Avózinha» por Figueiredo Pimentel, «Lendas Brasileiras» por Carmen Dolores, «Novos amigos» por Suzanna Cornaz, tradução de Eugenio de Castro, «Coração» por Edmund de Amicis, «Historias do Arco da Velha» por Viriato Padilha, e outros.

Leram e discutiram estes livros, e, depois de muitos dias de accurada pesquisa e serias considerações, resolveram ler um capitulo do livro: «Porque me ufano do meu pai?» pelo Conde Alfonso Celso.

Algumas crianças estavam objectivos para ler immediatamente a historia escolhida.

«Mas não lemos bem», objeção uma;

«Não, não lemos», disse outra.

«Como vão fazer então?» perguntou a professora que tinha seguido todas as phases do projecto e cujo interesse e lhes servia de estimulo. Isto fez surgir outro problema para as crianças.

Problema III. Como poderiam aprender a ler a historia sufficientemente e bem, de modo a ser realmente apreciada pela directora?

«Devemos lê-la repetidas vezes até que possamos fazel-o correntemente». Disseram ellas.

«Então estudaremos deliberadamente e com persistencia. Trabalhavam na aula, trabalhavam em grupos e ajudavam-se mutuamente.

Final, ficaram satisfeitos, porque acharam que a historia estava bem sabida e digna de ser apresentada.

Quando concordaram que e tavam prontos, mandaram uma commissão ao gabinete da directora, perguntar-lhe se podiam ler-lhe o capitulo de um livro.

Elia as recebeu amavelmente e os ouviu com a attenção cordial que anima a criança a sabir-se bem; e o grande acontecimento de sua vida escolar foi co-rroado de exito.

Depois disto, o interesse da classe tornou-se geral. Mudaram completamente de attitude em relação à leitura e aos livros.

Um menino disse: «Deixarei aqui «Minha terra e minha gente» por Affonso Peixoto, para os outros lerem.» «Darei para nosso bibliotheca minhas «Poésias Infantis», por Olavo Bilac», disse outro.

«Mamãe fallou que vocês podem ficar com meu «Narizinho Arrebitado» por Monteiro Lobato», disse uma das meninas.

Outros deram livros tambem.

«Que bom! Já temos uma bibliotheca completa! Disseram os meninos.

SEGUNDO PROJECTO DAS CRIANÇAS

ORGANIZAR UMA LIVRERIA NA ESCOLA

Problema I. Como arranjar os livros.

Este problema já estava em vias de solução. As crianças trouxeram de casa mais livros ainda, emprestando alguns e dando outros.

Quando se accumularam muitos livros, appareceu outro problema a resolver.

Problema II. Como cuidar convenientemente da livreria.

Sentindo a falta de estantes, as crianças tiveram a idéa de comprar algumas, mas como poderiam fazel-o sem dinheiro?

«Podíamos construir algumas, arranjando caixotes e colando prateleiras dentro delles», suggeriu um alumno.

Assim, começaram a executar o novo projecto, que foi a consequencia natural do primeiro.

TERCEIRO PROJECTO DAS CRIANÇAS

Construir estantes próprias para a crescente bibliotheca.

«Que é que precisamos para fazer essas estantes?» perguntou a professora.

Quando ellas lhe disseram, ella escreveu esta lista no quadro negro:

caixotes
taboas
ferramenta

Em seguida, escreveu os nomes dos meninos e meninas que podiam fornecer algumas das cousas necessarias. Quando o inspector voltou alguns dias depois, verificou a lista dos nomes para ver se todos tinham cumprido as obrigações assumidas.

Lá estavam os caixotes, as taboas e os pregos. As crianças trouxeram as ferramentas. Algumas eram bellas colleccões em estojos apropriados, e outras eram peças desirmanadas de diferentes qualidades. Em to-vam mais interessadas pelo facto de se utilizarem de seus proprios recursos, do que se tu'o fosse fornecido pela escola.

A medida que a professora chamava o alumno que tinha prometido alguma coisa, este se adiantava

e mostrava o objecto com que contribuía para a execução do projecto.

Quando se pronunciou seu nome, um dos meninos se adiantou e apresentou um martelo velho e esmagado. «Podeis pensar que não presta para nada», disse elle, «porém já me serviu durante tres longos annos». Desse modo, elle dignificou seu martelo quebrado.

Depois que fizeram as estantes, concordaram em que ficariam muito mais bonitas, se fossem pintadas de castanho, para combinarem com o madeiramento da sala.

O oleo e os pinceis foram fornecidos pela escola. Os alumnos que não estavam trabalhando nas estantes, fizeram uma mesa de leitura e pintaram-na de accordo com as estantes, e outros ainda, fizeram uma estante para a mesa.

Arranjaram, então, sua bibliotheca para onde podiam ir nos momentos livres, afim de apreciarem os livros.

Com o intuito de estimular-se o amor á leitura, havia uma lista dos volumes lidos. Escrevia-se o nome da criança na lista e collava-se uma estrela de ouro adiante daquella cada vez que lia um livro.

Toda criança fazia uma breve narração oral da historia lida, mencionando o nome, o auctor e o assumpto da mesma.

Resumo do artigo supra.

O PROBLEMA DA PROFESSORA

Como despertar o entusiasmo e o esforço nas crianças que já sejam bastante grandes para transformarem sua indifferença pela leitura em interesse genuino por ella.

Os exercicios de observação no ensino moderno

O exito deste methodo — O modo por que ha de ser realizado — O valor do cinema em nosso surto educativo — Apreciações que devem ser lidas pelo nosso professorado

MARIA LUISA DE ALMEIDA CUNHA

A característica dominante do ensino passadista consiste em dar aos espiritos o alimento intellectual, por assim dizer, já mastigado. O esforço de assimilação, sem duvida o mais util para a formação mental, é quasi annullado. «Magister dixit...» e assim se contentam os mestres em afirmar as verdades sem mesmo controlá-las.

Os factos concretos são descriptos... de longe. Ainda sob o influxo d'estas idéas, vemos manuseados em muitos collegios de renome os archaicos livros de Lições de Cousas. Nesses compendios se descrevem com toda minucia como se constrói uma casa, como se faz o pão, como se fabrica o vidro, etc.,

PRIMEIRO PROJECTO DAS CRIANÇAS

Fazer qualquer cousa que causa á directora especial prazer.

Problema I. Descobrir o que poderiam fazer que agradasse á directora.

Problema II. Que é que deveriam ler para a mesma?

Problema III. Aprender a ler a historia sufficientemente bem, de modo a ser apreciada por aquella.

SEGUNDO PROJECTO DAS CRIANÇAS

Construir uma bibliotheca na sala de aula.

Problema I. Como arrancar os livros.

Problema II. Como arrumar-os convenientemente na bibliotheca.

TERCEIRO PROJECTO DAS CRIANÇAS

Construir estantes proprias.

Resultados:

Alguns são de alcance muito grande para serem registrados.

A classe atarazada e indifferente á leitura, tornou-se adiantada e interessada pelos livros.

Aprenderam a tomar conta dos livros

Adquiriram habilidade manual, fazendo as estantes e as mesas para a livraria.

Despertou-se-lhes o desejo de embelezar a sala de aula.

Tornaram-se menos egoistas pelo habito de permutarem livros entre si e de fazerem presentes delles á bibliotheca.

A cultura que adquiriram com as bellas historias e as estampas, não pôde ser calculada.

A professora lucrrou com isto, o que deve ser o ideal para todas:

«Uma bibliotheca em cada escola».

etc., e os pobres pequeninos decoram «d'agui até ali» os periodos de uma descripção enfadonha!

A escola moderna exige que a professora deixe a austeridade da sua cathedra e diga simplesmente aos alumnos: «Ora vamos hoje á padaria pedir ao padreiro que nos mostre como prepara a massa e como coze ao forno o pão gostoso» que nos alimenta».

Este convite desperta por si mesma curiosidade nos pequeninos do que quanta gravura possa conter o livro de Lições de Cousas.

É preciso mostrar á criança o que nós queremos que ella aprenda de materia tal que esse conhecimento novo apresente uma significação que lhe toque de perto,

Sem estimular o interesse será estéril, nefasto mesmo o ensino para as jovens intelligencias.

É extraordinario o poder retentivo da visão! O que a criança vê, não esquece mais, ao passo que vóam as explicações verbaes.

Firmar, portanto, o ensino na observação é edificar em terreno seguro.

Observar é mais do que perceber. Quem observa compara, estabelece relações de tempo e espaço, cria um liame entre a materia e o pensamento.

Sem a presenca do objecto ou do phenomeno que se quer estudar, como exigir da criança o trabalho mechanico de apprehensão dos sentidos e a elaboração da ideia?

Convem entretanto não esquecer que aquillo que interessa o adulto nem sempre impressiona a criança.

Para bem jugar é preciso que o mestre apprehenda o ponto de vista que mais atrahia os pequeninos.

No seu livro encantador «Ves l'Ecole de demain» Angelo Patri bem pinta o esforço titanico dos seus

como elle queiram lutar para que a criança seja ella mesma e não uma copia em miniatura da sua professora, repetindo-lhe automaticamente as palavras e os gestos!

Quantos passam pela vida sem ver o ambiente que os rodeia e por essa inercia de observação ficam sempre grandes crianças nos seus julgamentos pessoais. Esses tipos se deixam facilmente levar pelas asserções mais irracionaes e são na vida a victima preferida da malevolta exploração.

Habituação a criança a observar, a averiguar por si, torna-se ella muito mais apta para os embates futuros.

Mas como ha de a professora, formada pela orientação da mãe, dar nessa onda de ideias novas?

Muito facilmente: fazendo consigo o que deve exigir dos seus alumnos.

Só é possível á professora transmitir bem a noção que traga nitida em seu conhecimento. É preciso, portanto, para comecar, que ella se exercite na observação dos objectos mais communs.

Considerando, por exemplo, um tinteiro de vidro vamos aqui suggerir uma serie de perguntas que dê ideia da simplicidade com que é possível desenvolver o sentido preciso da observação.

El-as. Qual o volume do tinteiro? ou seu peso? forma? É transparente ou não? É tallado ou moldado? a superficie: é polida ou aspera? Como se prende a tampa? É removivel ou não a parte que contém a tinta? Qual a sua capacidade? Tem aspecto puamente geometrico ou suas linhas evocam algum estilo determinado? qual? Tem elle a forma de algum fructo, animal ou objecto familiar? qual?

Eis um exercicio facilissimo adoptavel a todos os objectos.

Cada professorado pôde formular para seu uso questionarios mentaes que lhe guiem o esforço descriptivo. Em se tratando de um solido, considere-se o volume, a superficie, a côr, angulos, a substancia do que é feito. De um individuo atenda-se ao porte, peso provavel, competencia, côr e aspecto da pelle,

abundancia e apparencia dos cabellos, barba etc... Note-se a physionomia, os movimentos, o modo de falar.

Geralmente basta a visão para a observação methodica. Entretanto não desprezive a relevancia da acuidade dos demais sentidos.

O material Montessori bem revela a preocupação da grande educadora em desenvolver harmonicamente o tacto, a olfacção, a audição e até o paladar.

Sempre que for possível os sentidos se devem controlar mutuamente, pois ha nisso grande vantagem.

Não basta entretanto só methodizar a observação; é preciso exercitar-lhe a rapidez. A passagem por um museu de nossas lojas é opportunidade excelente para isso. Olhe-se a vitrine com attenção e depois procure-se lembrar o maior numero possível dos objectos vistos.

Aos quantos leitores não se afigurarão futeis estas suggestões!!

Entretanto desenvolvida assim a observação elementar, attingirá ella o nivel do espirito pesquisador tão indispensavel ao scientista como qualquer profissional.

A professora que quizer resolutamente se comprometer do valor da sua tarefa, lerva-o ao cabo com gallardia não poderá dispensar o exercicio de uma observação tão aguda quanto exacta.

Só com o trabalho directo e pessoal attinge esse desideratum.

Antes, portanto, de conduzir a sua turma a uma excursão, visita a alguma fabrica ou outro qualquer passeio instructivo, a professora deve realizar o trabalho para ficar bem inteirada das noções que visa inculcar.

Destruídas as primeiras barreiras averiguarão quanto é exacto e fecundo esse processo.

Evitem-se tanto quanto possível as observações de segunda mão. Trata cada um de ver de perto o phenomeno que pretende descrever ou explicar.

Por admittirem, cegamente, tudo o que se lhes afirma é que vemos tantos espiritos atulhados de prefilho pessoal emaranhando ás vezes numa rede complicadissima as soluções mais facies.

Habituada á observação do meio, dos phenomenos simples e diários a professora penetrará com muito mais segurança no dominio da observação psychologica das crianças. Ser-lhe-á então particularmente interessante perscrutar os problemas que functionaes, quer technicos que surgem a cada momento na vida escolar.

Podrá então a professora pesquisar melhor as razões que determinam nas crianças certas intermitencias de trabalho. Essas circumstancias decorrem geralmente da hereditariedade ou do meio e não de pura insubordinação como muitas vezes se interpretam.

Não só a intelligencia da criança lucrará com a observação. Inevitavelmente reflectirão os resultados do methodo sobre seu comportamento em aula. Sentimentos essencialmente activos, é só interessante do que é feito. De um individuo atenda-se ao porte, peso provavel, competencia, côr e aspecto da pelle,

REVISTA DO ENSINO

Não servem mais em nossos dias os moldes rígidos da escola passiva!

E' indistinctivo que a Escola moderna exige completa remodelação do preparo da professora. Mais do que a facilidade de exposição precisa ella ter qualidades de observadora e, ao vez de se isolar no orgulho da infallibilidade, é mister se faça pequenina como seus alumnos.

Nos meios desenvolvidos, como nas capitães, fica realmente o trabalho facilitado em vista da abundancia de fabricas, de laboratorios, de institutos a que se podem conduzir as crianças para de visu observarem o que lhes interessa.

Já tem sido frizado por esta Revista e ainda ha pouco tempo foi especialmente encarecido por D. Amélia de Rezende Martins o valor do cinema escolar.

Não será demasiado relembrar aqui o valiosissimo contingente que representa este elemento para aguçar a observação visual.

A Associação Brasileira de Educação, fundada no Rio de Janeiro por um valoroso grupo de entusiastas

da «defesa racional contra a ignorancia» tem se empenhado em solucionar o problema.

Apresentou a Associação com esse fim, num de seus Boletins mensaes, as bases para o emprego da cinematographia na educação.

A organização do nosso primeiro film historico já nos revelou a solicitude do governo em animar as boas iniciativas.

Precisamos, pois, todos, congregar os esforços, trabalhando com afan contra o desalento para que no nosso meio se tornem realidades productivas esses lindos ideaes.

Só desanimam os incompetetes e os fracacos... Não deixemos que da nossa terra, este florescente Belo Horizonte, possam dizer os vindouros que não soube sustentar o fanal brilhante da instrução!

Trabalhemos, caras professoras, com boa vontade, com sincero enthusiasmo, que é este o momento oportuno para o grande passo de progresso na campanha de educar a nossa geração.

Bello Horizonte, Março de 1926.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

O LOGAR DO SEU NASCIMENTO.—SUA VIDA,
SEU PAPEL NA INCONFIDENCIA MINEIRA

Por LUCIO JOSE DOS SANTOS

ASSIM, Claudio Manoel da Costa, alquebrado pelos annos e pela molestia, fraqueou ao ser interrogado.

Accusou e comprometteu os seus mais intimos e caros amigos. Triste e deploravel foi, pois, esse interrogatorio do dia 2 de Julho!

Dous dias depois, a 4 de Julho, pela manhã, foi Dr. Claudio encontrado morto no prisão. Havia nessa prisão uma especie de armario aberto, ou estante de taboas em prateleiras encostadas á parede. Na pressa com que o Visconde de Barbacena preparára essas prisões na Casa dos Contractos, não foram retiradas essas prateleiras (1). A porta dessa prisão abre-se debaixo da escada que, do pavimento terreo, dá

acesso ao andar superior. O aposento em questão deve ser o que dá para a Rua das Flores, vendendo-se na parede mesaninos com grade de ferro. Algumas pessoas acreditam que a prisão, onde morreu Claudio, seja o proprio cubiculo que ha debaixo da escada. Não é possível. Nesse cubiculo mal caberia uma pessoa, e nem poderia alli entrar um armario ou estante.

A porta da prisão é que fica debaixo da escada, e não a prisão.

O cadaver foi encontrado pendente de um cadarço vermelho atado á prateleira superior e passado em torno do pescoço do morto por meio de um nó cerrado.

Sendo o Dr. Claudio de elevada estatura, os seus pés tocavam o soalho. Para exercer maior esforço, applicára o Dr. Claudio a mão direita contra a taboa

da prateleira, tendo o seu braço permanecido nessa posição, erguido. «O cadaver estava em pé, encostado a uma prateleira, com o joelho firme a uma taboa della, com o braço direito fazendo força em outra taboa, na qual estava passado o baraco que o esphinxara» (2).

Que drama pungente se teria passado nessa noite sinistra de 3 para 4 de Julho de 1789?

Ninguém o soube dizer ao certo. E' possível que o Dr. Claudio, velho, doente e combalido, apavorado deante do futuro que o aguardava e sobre o qual não devia alimentar illusões; é possível que, elle, sepultado em um carcere lugubre, pensasse no horror de sua situação e na miseria sem nome que o levará a accusar e denunciar os seus *mais caros e intimos amigos*. E' possível que, nessas horas amargas, no seio da noite, á luz mortua da candeia buxuleando nas paredes nua do carcere, sentisse faltar-lhe a mente já enferma, e sossobrasse nesse lamentavel e terrifico naufragio.

Em hypothese alguma justificarei o suicidio. Mas, quem poderá avaliar a que extremos de angustia desceu a alma do patriota inconfidente?

Muitas pessoas houve que não acreditaram na veracidade do suicidio de Claudio, inclinando-se a admitir tenha sido elle assassinado. Muitas duvidas pairam ainda sobre esse luctuoso acontecimento. A nossa convicção, porém, certamente muito contraria ao nosso desejo, é que o Dr. Claudio foi efectivamente um suicida.

Nenhum dos argumentos que tem sido invocados, puderam abalar esse nosso modo de ver.

Vamos resumir a discussão.

1. No Almanak administrativo, civil e industrial da Província de Minas, para o anno de 1864, (A. de Assis Martins) lê-se esta nota: Ha nesta capital muitas pessoas que ouviram aos coevos de Claudio, que elle foi suffocado por dous soldados de ordem superior e que depois se fez espalhar o boato de ter-se suicidado, abridno uma veia com o garfo da fivella dos calções e escripto com o sangue um distico na parede. Seu corpo foi mandado sepultar no Campo, mas o Vigario Vidal, intim. amigo do finado, não querendo, ou tendo razões para não crer no apregoado suicidio, ajudado pelo sacristão, foi ao lugar, desenterrou o corpo e conduzi-o para a Matriz de Ouro Preto dando-lhe uma das tres sepulturas abaixo do presbyterio do lado esquerdo. Consta mais que Claudio conduzi-do pouco dias antes de morrer á presença do Governador tivera com este forte altercação e que o visconde taxando-o de traidor ao rei, elle respondeu: traidor foi vosso avô, que vendeu a patria.—Se isto assim aconteceu, não seria causa da sua morte?

II. Em 1876, houve sobre o assumpto uma polemica interessante, que vamos resumir.

Nos *Annas da Bibliotheca Nacional*, publicou o Dr. J. A. Teixeira de Mello um interessante estudo sobre Claudio Manoel da Costa. Teixeira de Mello cita sobre a prateleira de Claudio Barbosa, a respeito de Claudio: Ha quem diga que os seus dias foram abreviados com violencia, porque Claudio Manoel em sua

opressão clamava contra á injustiça e ameaçava os seus calumniadores; mas quem pode penetrar os arcanos dos seus rancorosos perseguidores, e em tempo de tanto horror! (3)

Varnhagen dá a mesma duvida. (4)

Ferdinand Denis diz que Claudio «um dos maiores escriptores que tenha existido no Brasil» foi encontrado morto na prisão «e essa morte cruel não foi geralmente attribuida a suicidio». (5)

Uma primeira suspeita é levantada contra o proprio interrogatorio de 2 de Julho. Com effeito, encontrou-se um documento appenso ao codigo que contem os interrogatorios feitos a Tiradentes, Pe. Rollim, Domingos Vidal Barbosa e outros, que «não está assignado mas é authentico e do punho do desembargador Joseph Pedro Machado Coelho Torres, juiz nomeado pelo Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Sousa para proceder em Minas o interrogatorio dos implicados na sublevação».

Esse documento é uma lista de pessoas, que se achão prezas em consequencia das diligencias judiciais a este resp^o, datada das 24 prezunções, ou prova, que resulta contra cada um delles. Esse documento, além de fallar em Tiradentes, Gonzaga, Pe. Carlos, Luiz Vaz, Vidal Barbosa e Conego Luiz Vieira, diz o seguinte: o Dr. Claudio Manoel da Costa: era o sul^o, em casa de q^o, foi a resp^o, da Band^o, e algumas determinações do modo de se reger a Republica: o socio vigario da Villa de S. José hé q^o, declara nas perguntas formal^{es}, o mais, q^o, há fora disto, são indícios, e ditos de ouvida: mas este R. tendo sido principiado a ser perguntado pelo ouvidor de V^o Rica, hia declarando suas coizas, dizendo q^o, as conversações era de q^o, podia fazer-se e não deliberadas de q^o, se fizessem, e logo se enforcou a si mesmo na prisão, ficando as perguntas injurificas por falta de assist^o, de tabellião, e sem juramento q^o, a 3^o, quando chegou a Minas já isto hia succedido, e fis que se acatuelesse a resp^o, dos mais ponto as perguntas juridicas e validas».

Em folhetim do «Jornal do Commercio» de 21 de Abril de 1872, escreveu Fernando Castiço um artigo em que diz ter lido em mãos um manuscrito, obra de um piedoso padre, testemunha ocular desses tristes acontecimentos, intitulado: *Relação circumstanciada da perfida conjuração em Minas Geraes*—, datada de 1792 e escripta de modo tal que lhe dá o caracter de authenticidade. Ali se diz que Claudio «fracta, ante a suprema angustia de ser exposto á commissação ou ao escauro da capital, foi dirigido ao eterno Juiz; tufindo da vida pela estreita e escura porta do suicidio». (6)

O Dr. Miguel Antonio Heredia de Sá contou ao Actor cujos artigos vamos analysando, que D. João VI, emigrara para o Brazil, um fidalgo de nome—Francisco Joaquim Moreira de Sá; e que, em vez de se deixar ficar no Rio, como os outros fidalgos, penhionado pelo Rei, veiu para o interior estabelecen-

(3) *Parnaso brasileiro*.

(4) *Florilegio da poesia brasileira*.

(5) *Résumé de l'histoire de Portugal et Brésil*.

(6) *Annas da Bibl. Nat.*, Vol. I—1876-1877, pag.

do-se em Antonio Dias Abaixo. A sua casa era o ponto de reunião da melhor sociedade do lugar. Ali, o fidalgo conheceu um cirurgião que tinha o appellido de Paracatú, e que lhe narrou ter sido incumbido de fazer o auto de corpo de delicto no cadaver de Claudio Manoel da Costa, e podia afirmar que Claudio não se suicidara, mas fôra assassinado. No dia seguinte á assignatura do auto, o ajudante de ordens do Visconde de Barbacena procurou o cirurgião para lhe dizer que fizesse outro auto, pois o primeiro ficara

inutilisado em consequencia de haver uma criança deitado tinta sobre o mesmo. Compreendendo melhor a situação, esse cirurgião lavrou novo auto em que affirmava o suicidio.

Segundo dizia o Dr. Heredia, esse cirurgião fizera semelhante narração em presenca da filha do referido fidalgo, senhora respeitabilissima, tão conhecida quanto venerada em Campos. Foi essa senhora quem narrou o facto ao dr. Heredia de Sá, e tambem ao dr. Antonio Sciesio Moreira de Sá.

Estudo das Locuções correspondentes ás Palavras

PAGINA PARA O 3º ANNO

Prof. CARLOS GÓES

DO livro que acabei de publicar «Pontos de Lingua Patria», trasladado para a «Revista do Ensino» o capitulo referente ao enunciado supra, materia do III Anno I Semestre:

Chama-se *locução* um grupo de duas ou mais palavras equivalentes a uma só expressão.

Exemplos de *substantivos* expressos por locuções: a) os nomes integrais de pessoa, abrangendo o de baptismo e o de familia: Estevam de Sousa — Maria de Oliveira; b) certos nomes geographicos: Rio Grande do Norte — Rio Grande do Sul — Estados Unidos da America do Norte; c) certos substantivos communs juxtapostos: chapéo de só, casa de commodos, olho de boi, estrada de rodagem, linha de correio, mal-mequer (d'onde por agglutinação, malmequer) bem-te-vi (d'onde, por agglutinação, bentevi), sempre-viva, pombo-correio, carro-restaurante, escola-modelo, bilheite-postal; d) os nomes de instituições: Instituto Pasteur — Gymna-sio Mineiro — Faculdade Livre de Direito — Instituto Nacional de Musica; e) certos substantivos qualificados por um adjectivo especifico: pedras preciosas, agua marinha, aguas thermaes.

Exemplos de *adjectivos* expressos por locuções: Este outro, esse outro, aquelle outro — todos os — um e outro — ambos de dois (velho portuguez) — de brioso — com azas — alado — sem azas — áptero de marmore — marmadreo — de rosa — roseo — de purpura — purpureo, purpurino.

Exemplos de *pronomes* expressos por locução: cada um, cada qual — quem quer que seja, quem quer que fosse — Vossa Senhoria, Vossa Excellencia.

Exemplos de *verbos* expressos por locuções: Hei de estudar (futuro obrigatorio) — tenho de sahir — cessei de trabalhar — estou a sahir — tornou a entrar — vou sahir — devo sahir — começou a falar — começou de dizer.

Exemplos de *adverbios* expressos por locuções: de longe, de perto, com correção, pouco a pouco, a

pouco e pouco, de quando em quando, de vez em quando, a quando e quando, ás avessas, ás direitas, ás claras.

Exemplos de *preposições* expressas por locuções: em redor de, em roda de, em torno a, perto de, dentro de, dentro em, em relação a, com respeito a, de concreto com, para com, por entre, de sobre, de sob, em frente a, de frente a, em vista de, por causa de, por força de, em razão de.

Exemplos de *conjunções* expressas por locuções: á medida que, á proporção que, ao passo que, de modo que, de maneira que, por fórma que, por muito que, por mais que, agora que, hoje que, não obstante que, si bem que.

O Professor ao alumno: Dê-me uma sentença, em que entre um *locução conjunctiva*. O alumno — Os alumnos levantavam-se á proporção que iam sendo chamados. Idem em que entre uma *locução prepositiva*: O jardim ficava em roça da casa — em torno de nós só havia pedras — Em frente de nós ergui-se o sol. Idem em que entre uma *locução adverbial*: Devemos viver ás claras — Os cegos vivem ás escuras — Pedro abriu o livro ás avessas — Pedro procedeu com correção — Idem em que o *verbo* seja expresso por uma locução: Pedro cessou de fallar — Devo dizer que ia sahir quando elle começou a falar — Idem em que o *adjectivo* seja expresso por uma locução: Um homem de brio (brioso) é pessoa de coragem (corajosa) — Pedro tinha feições de cadaver (cadavericas). Idem em que o *substantivo* seja expresso por uma locução: Rio Grande do Sul é o Estado mais meridional da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Idem em que o *pronome* seja expresso por uma locução: Quem quer que esteja ahi venha a mim — Venha cada qual por sua vez.

Á luz d'este processo o Professor recordará e ampliará todos os casos, tendo sempre o cuidado de mandar que o alumno *forme sentenças*, em que venha empregada a locução dada.

VILLA RICA

O ouro fulvo do occaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos de ouro, as minas, que a ambição
No torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um braço.

O angelus plange ao longe um doloroso dobre.
O ultimo ouro do sol morre na creação.
E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepusculo cae como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro, o ceu parece
Feito de um ouro anevio que o tempo ennegreceu...
A neblina, roçando o chão, cicia em prece,

Como uma precisão espectral que se move...
Dobra o sino...Soluça um verso de Dirceu...
Sobre a triste Ouro-Preto o ouro dos astros chove...

ANCHIETA

Cavalleiro da mystica aventura,
Herce christão! nas provações atrozas
Sonhas, casando a tua voz: ás vozes
Dos ventos e dos rios na espessura:

Entrando as brenhas, teu amor procura
Os indios, ora filhos, ora algoces,
Aves pela innocencia, e onças feroces
Pela bruteza, na floresta escura.

Semeador de esperanças e chiméras,
Bandeirante de «entradas» mais suaves,
Nos espinhos a carne dilaceras:

E, por que as almas e os serões desbraves,
Cantas: Orpheu humanizando as feras,
São Francisco de Assis prégando ás aves.



GRUPO ESCOLAR «ANTONIO MARTINS», DE PONTE NOVA. — ALUMNOS DIPLOMADOS EM 1925. — SENTADOS: O REGIONAL FERNANDO MAGALHÃES, A PROFESSORA D. ANTONIA FERNANDES TORRES, E O DIRECTOR SR. MARIO FONTOURA

Um quadro authentico de Marilia de Dirceu

A "Visão de Santo Alberto" fixada num trabalho de sêda, feito em fins do secul. 18 pela noiva de Thomaz Gonzaga.

O quadro, cujo cliché estampamos na pagina ao lado, tal como si nella cravassemos um pedaço do passado, representa, nada mais, nada menos, do que este maravilhoso trabalho:

Um delicado bordado de sêda, feito em 1798 por Marilia de Dirceu, a noiva do infeliz poeta Thomaz Gonzaga, victima da Conjuração Mineira.

O quadro reproduz a *Visão de Santo Alberto* e é um trabalho de requintado valor artistico, que o deputado Nelson de Senna guarda, com veneração justificada, no seu gabinete de trabalho, á rua Santa Rita Durão, nesta Capital.

Marilia fez presente do primoroso trabalho á sua primeira irmã d. Beatriz de Seixas Assis Brandão. d. Beatriz por sua vez o offerceu á sua parenta d.

Fortunata d'Avila Brandão, illustre senhora ouropetana, a primeira professora publica da antiga Villa Rica.

D. Fortunata, já edosa, passou o quadro a seu sobrinho, o dr. Thomaz Brandão, ex-reitor do Gymnasio Mineiro e nosso brilhante collaborador, que o confiou recentemente ao sr. deputado Nelson de Senna, de cujas mãos, devido á sua gentileza, fomos buscar o quadro, para retratal-o e publicar-o hoje na *Revista*, offerecendo-o á apreciação fina dos nossos leitores.

O quadro está encaixado numa magnifica moldura antiga de jacarandá e authentico no dorso pelo velho secretario do governo da provincia, Antonio Maria da Silva Pinto, tio do sr. desembargador Arnaldo de Oliveira.



«VISÃO DE SANTO ALBERTO» — BORDADO DE SEDA, FEITO POR MARILIA DE DIRCEU

Como devem ser feitos os livros para crianças

É tempo de uma campanha no sentido de fazê-los perfeitos. O livro de leituras infantis exige a colaboração harmonica de editores e autores, de typographos e illustradores.

Por EDUARDO FRIEIRO

NOS livros de texto para crianças não se deve considerar apenas o seu valor didactico. A questão da execução typographica, frequentemente transcurada, não é de menor importancia, sobretudo no que concerne á escolha do tipo de papel, ao corpo e grossura de "olho" dos caracteres, largura das linhas e grau das entrelinhas.

Entre nós, pelo menos, a confecção de livros escolares fica, de ordinario, abandonada ao lamentavel criterio de editores improvisados e impressores bisoños.

Na Europa, essa questão tem sido objecto de estudos conscienciosos, de que já resultaram conclusões interessantes e precisas.

Annos atrás, uma das varias associações britannicas consagradas ao assumpto fez publicar utilissimo folheto contendo informações ácerca da influencia dos livros escolares sobre a vista das crianças, trabalho verdadeiramente meditado e completo, mesmo com relação á parte puramente tecnica da feitura graphica do livro.

Cs factores examinados pela alludida associação foram estes: a) processo psychologico da leitura; b) nitidez da impressão; c) tipo do papel; d) genero das illustrações e processo adoptado para a sua reprodução; e) tinta, sua cor e qualidade; f) composição e paginação.

Mereceram especial attenção o corpo e desenho dos caracteres, seu espaçamento, largura das linhas, grau das entrelinhas, etc.

Antes de tudo, a impressão de um livro deve ser tal que facilite o fim da leitura, isto é, a comprehensão do texto lido. O leitor exercitado apprehende logo, num golpe de vista, palavras e phrases inteiras. É necessario, portanto, fazer o possível por habilitar as crianças a reconhecer-as com facilidade, o que se conseguirá recorrendo á caracteres perfeitamente adequados e de espaçamento conveniente.

O melhor molde de caracteres para letras isoladas não é necessariamente o que mais convem para palavras inteiras. A legibilidade dos caracteres deve julgar-se em periodos inteiros e não pelo simples e-a-me de letras isoladas.

Quanto ao papel, é francamente desaconselhado o uso dos muito lustrosos e brilhantes ou dos excessivamente assefinados. O brilho prejudica a vista, estorva a visão binocular. Assim é que a alvura do papel provoca contraste demasiado violento com a cor negra da tinta, devendo preferir-se, portanto, papéis levemente amarellados ou roseos, — tratando-se, bem en-

tendido, de aulas escolares em condições normaes de iluminação. Deve exigir-se papel sufficientemente opaco, além de que o texto impresso não transpareça no verso da folha.

Jules Amar, em sua obra *Le moteur humain*, insiste sobre os inconvenientes do papel branco e dos reflexos metallicos que lhe são inseparaveis. Diz que os escolares têm todo interesse em utilizar-se de papel de visível e á applicação prolongada do olhar. Verificando essas conclusões, o eminente physiologista Bayliss provou que, no amarello, a visão é mais aguda e perfeita.

Os livros destinados ás crianças não deveriam conter diagrammas, eschemas ou reproduções photomechanicas ricos em detalhes, que só servem para causar confusão. Prefiram-se illustrações comprehendendo poucos objectos e figuras, os quaes devem destacar-se nitidamente do fundo, pois são mais agradaveis á vista e de mais facil percepção mental. Os desenhos á traço, em reproduções reticuladas, são os melhores. Para impressão de illustrações, reproduzidas em clichés reticulados, seria vantajoso substituir por papel fosco o papel lustroso.

A tiragem de qualquer livro, e com especialidade a dos livros infantis, deve fazer-se com tinta muito densa, perfeitamente distribuida, de modo que se veja absolutamente uniforme a impressão de todas as paginas dum mesmo volume.

Deve dar-se preferéncia á composição manual. Na composição mechanica são frequentes as imperfeições de alinhamento, sobretudo quando as machinas ou matrizes estão muito usadas. Defeito vitioso é a paginação em duas ou, o que é peor, em mais columnas. Tratando-se de impressão em paginas estereotypadas, é útil observar que devem ser inutilizadas as estereotypias visivelmente gastas.

A questão da execução typographica de livros de texto para as escolas, por fórma que correspondam ás mais recentes exigencias da pedagogia, é das que merecem a mais carinhosa attenção da parte de todos. Eis algumas das conclusões a que vimos de alludir representadas, notavel contribuição pratica para a solução deste importante problema.

O livro escolar deve constituir, sob o duplo ponto de vista da esthetica e da commodidade de leitura, um conjunto de perfeições. Para alcançá-las, porém, esse objectivo torna-se indispensavel a harmonica colaboração de autores e editores, de typographos e illustradores.

COMO SE FAZ UMA LIÇÃO DE ARITHMETICA

VITALIA CAMPOS

PROFESSORA (tendo á frente da classe a folha 4 da carta de Parker, de xando os alumnos empregarem o seu esforço proprio para lhe responder, afim de lhes despertar o interesse e a attenção).

Você, na aula passada, mostraram-me os rectangulos, em que as quantidades de bolas estão divididas em duas partes eguaes ou em duas metades. Aprenderam que cada parte tem o nome de meio ou de metade. Hoje, vocês vão descobrir, na carta, os rectangulos, onde as bolas estão separadas, divididas em tres partes eguaes.

(A classe se manifesta pelo signal regulamentar).

Venha você, Andreina.

A. (Apontando para o quadro D, por exemplo). P.—Quantas bolas estão no rectangulo que você nos mostrou?

A.—Estão seis bolas.

P.—Mostre com a regua, as partes eguaes de seis. Quantas partes eguaes você vê?

A.—Vejo tres partes eguaes.

P.—Assente-se. Cada uma dessas partes eguaes quantas bolas tem, Raul?

A.—Cada parte tem duas bolas.

P.—Pois bem. A cada uma dessas partes, vocês vão baptizar-a com o nome de terça parte ou um terço; as tres partes eguaes ou as bolas todas deste rectangulo (mostra), com o nome de triplo.

Então (mostra cada parte) aqui está uma terça parte ou um terço de seis; aqui, outra terça parte ou um terço de seis; aqui, outra terça parte ou um terço de seis.

Qual é então a 3.ª parte ou um terço de seis, Antonio?

A.—A terça parte de seis bolas é duas bolas.

P.—E um terço de seis bolas?

A.—Um terço de seis bolas é duas bolas mesmo.

P.—É isto mesmo. Tanto vale falar uma terça parte como um terço, tudo é a mesma coisa.

Um terço de seis bolas é duas bolas, como muito bem o disse Antonio. E dois terços de seis bolas quantas são, Josephina?

A.—Dois terços de seis bolas são quatro bolas.

P.—Vai mostrar, lá, na carta, as partes que representam dois terços de seis bolas. Como é que você fez para saber quanto são dois terços de seis bolas?

A.—Sommei duas mais duas bolas que são quatro bolas.

P.—Por que você somou duas mais duas bolas?

A.—Porque cada parte tem duas bolas.

P.—É isto mesmo. Você somou duas daquellas partes eguaes de seis ou dois terços de seis e achou quatro bolas.

E tres terços de seis bolas quantas são, Noé? Olhe para a carta

A.—Tres terços de seis bolas...

P.—Não sabe? Vai mostrar-me na carta um terço de seis? (Depois de estabelecida a ordem). Mostre outro terço de seis; outro? Quantos terços você mostrou?

A.—Mostrei á senhora tres terços.

P.—Pois bem. Somme agora as bolas dos tres terços e diga-me quantas são

A.—São seis bolas.

P.—Então tres terços de seis bolas quantas são?

A.—São seis bolas mesmo.

P.—Muito bem. Os tres terços são as bolas todas daquelle rectangulo. E que nome recebe as bolas todas daquelle rectangulo? Fale, Arthur.

A.—As bolas todas recebem o nome de triplo.

P.—Qual é então o triplo de duas bolas, Jair?

A.—O triplo de duas bolas é seis bolas.

P.—E duas bolas que parte representam de seis bolas, Joanna?

A.—Duas bolas representam a terça parte de seis

bolas

P.—Como é que Jair fez para achar o triplo de duas bolas, Antunes?

A.—Elle somou duas bolas mais duas bolas mais duas bolas que são seis bolas.

P.—É isto mesmo. Elle repetiu o numero dois tres vezes e somou-os. Quantas vezes duas bolas você vê alli, Anna?

A.—Vejo tres vezes duas bolas.

P.—Tres vezes duas bolas quantas são, Hebe?

A.—Tres vezes duas bolas são seis bolas.

P.—E duas vezes tres bolas quantas são, Alvaro?

(Si o alumno hesitar, mostre-lhe o rectangulo C da mesma carta, para que elle se recorde, pela vista, de que já aprendeu)

A.—Duas vezes duas bolas são seis bolas tambem.

P.—Vêem vocês duas vezes tres bolas ou tres vezes duas bolas, tudo representa a mesma quantidade de bolas. Tanto vale dizer duas vezes tres como tres vezes duas, tudo é a mesma coisa.

(Sem o saberem, vão os alumnos aprendendo que a ordem dos factores não altera o producto).

Venha a Corina tirar na mesa seis cadernos e repartil-os em partes eguaes para tres collegas suas.

(Depois de obediencia á ordem). Diga-me quantos cadernos você deu a cada uma e quantos ficaram para você?

A.—Dei a cada uma dos meus cadernos e não fiquei com nem um.

P.—Cada uma das collegas que parte dos seis cadernos recebeu, Luiza?

A.—Cada uma recebeu a terça parte dos seis cadernos.

P.—E corina, antes de repartil-os, quantas vezes dois cadernos tinha na mão?

A.—Tinha tres vezes dois cadernos.
P.—Que nome você dá á somma de um numero repetido tres vezes? Ou por outra: quando se repete um numero qualquer tres vezes, a somma delles que nome tem?

A.—A somma delles tem o nome de triplo.
P.—Muito bem. Tome os cadernos Corina, e pode assentar-se.

Si vocês tivessem seis lanranjas e eu mandasse que vocês dessem a terça parte para um collega qualquer, quantas dariam para esse collega? Fale, Alvarina.

A.—Daria ao collega duas lanranjas.
P.—E você com quantas ficaria?
A.—Ficaria com quatro lanranjas.
P.—Perfeitamente. Quem será, agora, capaz de mostrar-me outro rectangulo de bolas, divididas em tres partes eguaes.

(A classe se manifesta pelo signal regulamentar).
Venha a Ambrosina.
A.—(Apontando, por exemplo, para o rectangulo J).

A.—Diga-me tudo que você vê ahí: quantas bolas se acham nesse rectangulo; quantas partes eguaes você vê; cada parte quantas bolas tem e o nome de cada parte e o das bolas todas desse rectangulo.

A.—Vejo nove bolas. Vejo tres partes eguaes. Vejo tres bolas em cada parte...
P.—Bem. Você já falou alguma cousa do que viu; mas, para não ficar repetido muito a palavra—Vejo—que fica feio, fale assim: «Vejo nove bolas e tres partes eguaes. Cada parte tem tres bolas e se chama...»

Diga.
A.—Chama-se terça parte.
P.—(Continuando) terça parte. As bolas todas tem o nome de triplo.

Este exercicio, além de suavisar um pouco o trabalho da professora que não precisará esfaltar-se com muitas perguntas, ensina á criança a coordenar idéas, desenvolvendo-a na expressão oral.

Deve, porém, o professor ensinar e exigir que não falem tudo. o mesmo modo; afim de evitar que fiquem escravizados a uma mesma fórmula.

Um outro poderia dizer: «Neste rectangulo, estão nove bolas, separadas em grupos eguaes, de tres. Cada um destes recebe o nome de terça parte de nove. Os tres grupos eguaes, formando nove bolas, têm o nome de triplo de tres.»

Um terceiro diria: «Observo, neste rectangulo, tres partes eguaes de nove bolas. Chama-se cada uma um terço de nove bolas. As partes todas reunidas formam o triplo de tres.»

Assim, muitos outros modos de expressão oral poderão ser preferidos pelos alumnos, desde que o professor os oriente e os guie, procurando desenvolvê-los a linguagem, preparando-os para os exercicios praticos de redacção, mais tarde.

Professora.—Qual é então a 3.ª parte de nove bolas, Alina?

Alumno.—A 3.ª parte de nove bolas é tres bolas.
P.—E dois terços de nove bolas quantos são, Arthur?

A.—(O alumno, olhando para o quadro J, responderá sem a menor hesitação) Dois terços de nove bolas são seis bolas

P.—E tres terços de nove bolas quantos são, Paulo?

A.—Tres terços de nove bolas são nove bolas mesmo.

P.—Perfeitamente. Que nome tem as nove bolas em relação ás tres bolas?

A.—As nove bolas são o triplo de tres bolas.

P.—Eitas bolas em relação ás nove que parte representam, Milton?

A.—As tres bolas representam um terço de nove bolas.

P.—Agora todos vão observar as linhas que separam as tres partes eguaes de nove bolas. Parecem-se com as linhas, das quaes vocês já sabem o nome? Comparem-n'as com as linhas conhecidas. Fale, André. São verticaes? horizontaes?

A.—Não, senhora.

P.—A estas linhas (mostra) que parecem estar caíndo para um lado, vocês darão o nome de linhas inclinadas.

Venha o Joel mostrar-me, na carta, outras linhas inclinadas.

Mostre-me seu lapis, Mauro. Ponha-o na posição vertical; horizontal; inclinada.

Ha algum objecto na sala, na posição inclinada? Olhem para a mesa da carteira e digam-me qual é a sua posição? Fale, Alvarina.

A.—A mesa da carteira está na posição inclinada.

P.—Muito bem. Continuemos com a nossa lição de 3.ª parte e triplo. Para fazermos uma recordação, Maria vai dizer-nos qual é um terço de nove e João nos dirá quantas bolas são dois terços de nove.

Alumna.—Um terço de nove bolas é tres bolas.

Alumno.—Dois terços de nove bolas são seis bolas.

P.—Você viu, na carta, dois terços de nove bolas?

A.—Vi, sim, senhora.

P.—Como é que você descobriu isto?

A.—Cada parte egual é um terço. Eu sommei duas partes eguaes.

P.—Muito bem. E' isto mesmo. Vai á mesa a Mercedes tirar o triplo de tres canetas e reparillas com tres collegas suas, dizendo-me, depois, quantas tirou, quantas deu a cada uma e com quantas ficou.

A.—Tirei nove canetas. Dei tres a cada collega e não fiquei com nem uma.

P.—Que parte de nove canetas cada collega recebeu?

A.—Cada uma recebeu a terça parte de nove.

P.—Tome as canetas e passe-as ao Elmyro. Elmyro, quantas canetas você tem?

A.—Tenho nove canetas.

P.—Dê a terça parte ao Carlos e diga-me com quantos terços você ainda ficou?

A.—Fiquei com dois terços de nove canetas.

P.—Quantos são dois terços de nove canetas?

A.—Dois terços de nove canetas são seis canetas.

P.—Muito bem. Pode assentar-se.

Haverá ainda, na carta, outro rectangulo, donde as bolas se dividem em tres partes eguaes?

(A classe toda se manifesta pelo signal regulamentar).

Venha a Albertina mostrar-m'o.

A.—(Apontando para o rectangulo L).

P.—Fale tudo que souber a respeito desse rectangulo.

A.—Este rectangulo tem doze bolas. Ellas estão separadas em tres partes eguaes. Cada parte tem quatro bolas e formam a terça parte de doze bolas. As tres partes eguaes ou doze bolas recebem o nome de triplo de quatro.

P.—Muito bem. Falou tudo direitinho, sem ser preciso que eu ficasse como «sacca-rolha». Pode assentar-se.

Vamos vêr quem prestou mais attenção ás palavras de Albertina.

Qual é a terça parte de doze bolas, Josina?

A.—A terça parte de doze bolas é quatro bolas.

P.—E dois terços de doze bolas quantos são, Alzira?

Olhe para o rectangulo das doze bolas.

A.—Dois terços de doze bolas são oito bolas.

P.—Como fez você para achar dois terços de doze bolas?

A.—Sommei quatro, que é um terço de doze bolas com mais quatro, que é outro terço e achei oito bolas.

P.—Muito bem. Então (ensinando-se como deve falar) si um terço de doze bolas é quatro, dois terços de doze bolas são mais quatro bolas ou duas vezes quatro, que são oito bolas.

E tres terços de doze bolas quantas bolas são, Emmanuela?

A.—Tres terços de doze bolas são doze bolas mesmo.

P.—Por que?

A.—Porque um terço é quatro bolas; tres terços são quatro mais quatro mais quatro que são doze bolas.

P.—Perfeitamente. Agora quero que me digam quaes são as quantidades de bolas que vêem divididas em tres partes eguaes, na carta. Diga a Celeste que ainda não me deu nem uma resposta hoje.

A.—As quantidades de bolas; divididas em tres partes eguaes, que estão na carta são: seis, nove e doze bolas.

P.—Muito bem. Vejam com a Celeste de a prova de ser uma alumna muito attenciosa! Respondeu muito bem o que eu lhe perguntei. Vamos vêr quem vai agora imitar o exemplo da Celeste? Quero que façam applicação do que aprenderam, por meio de cadernos, livros, lapis etc., praticamente.

Venha, Nestor, tirar da mesa a terça parte de nove cadernos e reparti-os em partes eguaes com tres collegas.

(Depois de obedecida a ordem). Quantos cadernos tirou e quantos deu a cada collega?

A.—Tirei tres cadernos e dei um a cada collega.

P.—Ficou alguma para você?

A.—Não, senhora.

P.—Que é que você fez?

A.—Tirei tres cadernos na mesa e reparti-os com tres collegas.

P.—E quando se repartem as cousas, os objectos, etc. em partes eguaes para tres pessoas, como se chama cada parte? Fale, Izabel.

A.—Chama-se terça parte.

P.—Então cada collega seu, Luiz, que parte dos tres cadernos recebeu?

A.—Cada collega recebeu a terça parte dos tres cadernos.

—Vejam bem que Nestor distribuiu os tres cadernos com tres collegas e não ficou com nem um. Vamos vêr si isto acontece sempre com os outros numeros que não tinham as bolas separadas em tres partes eguaes, na carta. Assente-se, Nestor, e passe os cadernos á Analia. Analia, tire na mesa mais um caderno. Com quantos ficou você?

A.—Fiquei com quatro cadernos.

P.—Divida-os em partes eguaes para tres collegas; mas cuidado! Não pode rasgar, nem partir nenhum caderno!

(Depois de obedecida a ordem)

Quantos deu a cada um e quantos lhe sobram?

A.—Dei um a cada um e fiquei com um tambem.

P.—Qual é a differença que vocês notam entre a distribuição, entre a divisão que Analia e Nestor fizeram? Fale Alina.

A.—Analia ficou com um caderno e Nestor sem nenhum.

P.—Você mostra que entendeu, mas não sabe explicar bem.

Diga assim: E' que, dividindo-se tres cousas ou objectos com tres meninos, não sobra nada. Dividindo-se quatro cousas ou objectos com tres meninos, sobra um.

Mas reparem que quatro é o mesmo que tres mais um.

Ora, dividindo-se tres cousas com tres pessoas não sobra nada: logo quatro, que são tres mais um, desenvolverá esse um que se acrescentou ao tres para fazer quatro.

Vamos ver agora o Pedrinho distribuir cinco cadernos, em partes eguaes, com tres meninos. Tome tres cadernos, Pedrinho, de Analia que deve collocar o outro na mesa.

Você tire na mesa mais dois e faça a distribuição, contando-nos tudo que fez.

A.—Tomei de Analia tres cadernos. Fui á mesa e tirei mais dois. Fiquei com cinco. Reparti os cinco cadernos, em partes eguaes, com tres collegas. Fiquei com dois cadernos.

Ensinará a criança a executar mais de uma ordem, fazendo-a conservar de memoria tudo que ordena a professora, sem que esta a repita, de novo. Este exercicio traz enorme vantagem á professora que, desenvolvendo a attenção, a memoria retentiva e reproductiva dos alumnos, a expressão oral, destes, consegue dar um dictado á classe, sem o trabalho de repetir, mais de uma vez, esta ou aquella phrase.

P.—Observe-m: os dois decedros acrescentados aos tres, para se obter o numero cinco, foram, justamente esses dois, que sobram para Pedrinho. Logo, é muito facil, agora, sabermos quanto vai sobrar da divisão de cousas ou objectos que fizermos por tres pessoas, em partes eguaes.

trabalho colectivo fazem trabalho de carpintaria, desenhos ou cantam em conjunto e preparam a revista escolar, impressa por elles mesmo nas officinas da escola.

Em outro trabalho do sr. C. W. Washburne (E. U.) Agrupam-se os alumnos por classes segundo o gráo de progresso alcançado na totalidade das materias. Nada impede que uma creança trabalhe ao mesmo tempo em uma sala de aula de sexto gráo em lingua e em uma do oitavo gráo em calculo. Um alumno não muda de aula toda a vez que obtém uma promoção. Os grupos se reorganizam ordinariamente uma vez por anno, mas isto não é uma regra geral. O trabalho individual permite que cada alumno procure o grupo que lhe parece mais conveniente.

As creanças precoces são colloeadas, em geral, em uma classe de alumnos cuja idade corresponde a uma media entre sua idade real e sua idade intellectual. A maioria dos ensaios realizados com o fim de dar ás creanças precoces o genero do trabalho que lhes convem os colloca em contacto pessoal com collegas de aula dos quaes elles se distinguem sensivelmente sob todos os pontos de vista, salvo o da intelligencia. A elasticidade do systema de Winnetka corrige este defeito pois que as creanças são colloeadas com outras que realizam aproximadamente o mesmo gráo de trabalho em todas as materias. O factor mais importante que se deve considerar para o agrupamento dos alumnos é o trabalho colectivo para o qual collaborarão todos em conjunto.

A sua influencia na formação da intelligencia e do sentimento — A criança é como os passarinhos: precisa cantar

BRANCA DE CARVALHO VASCONCELLOS

I CONSIDERAÇÕES GERAES

REDIGINDO estas notas ligeiras por incumbencia do governo do Estado, só tivemos em vista dar alguns conselhos e indicações praticas que se nos figuram acertadas para que o canto em nossas escolas tenha boa execução e a eficiencia exigida pelo novo regulamento da instrução primaria.

Bem andaram os nossos dirigentes imprimindo ao ensino dessa arte um caracter relevante nos programas primarios, onde ella figurava até ha pouco como factor secundario, como elemento decorativo apenas.

O canto é, nas escolas, agente pedagogico de indiscutivel alcance. Além de desenvolver a memoria auditiva e o senso rhythmico, é de influencia preciosa e decisiva na formação do caracter, da intelligencia e do sentimento.

Abundando e melhorando os temperamentos innocentes e irasciveis, elle exerce papel muitas vezes mais benéfico para a manutenção da disciplina escolar do que as advertencias, reprehensões e quaesquer outras penalidades.

Parallelamente com o gosto pela musica os alumnos vão adquirindo amor á linguagem. Como é sabido, as creanças em geral aborrecem o verso, porque nem sempre o comprehendem e custam a guardalo na memoria; gostam, porém, da melodia, que lhes torna agradável a repetição de uma estrophe, não dez ou vinte vezes, mas centenas de vezes e até a vida inteira. E quanto conselho salutar, quanta noção útil, quanta idéa noble não se encerram muitas vezes numa simples quadriminha?

É um poderoso vinculo de união para as almas infantis, pois estas, concertando as vózes no canto de um hymno ou de uma canção, esquecem as desagradabilidades de condição e de fortuna e, vibrando á mesma emoção de alegria e de entusiasmo, sentem-se irmanados no mesmo affecto e no mesmo ideal.

Cumprir-por em realce tambem o valor do canto como elemento recreativo nos meios escolares.

É notoria a atração irresistivel que a musica exerce nas creanças. Essa influencia se faz sentir desde os mais tenros annos. Ainda no berço ou no regaço materno, uma cantilena murmurada a meia voz consegue acalmar o choro infantil, mesmo quando motivado por um soffrimento physico. A creança é como os passarinhos: precisa cantar. Cantando, sentir-se-á disposta a rir e a folgar, e a alegria, como o bom humor, constitue um indice de boa saude physica e moral.

Nos intervallos dos trabalhos escolares, o canto é de um effeito maravilhoso: a alma infantil como que se transforma e se reanima para proseguir com mais vigor e proveito a tarefa do dia.

Toda creança, como bem pondera Ruskin, deve ser ensinada desde cedo a usar tão bem da voz como das mãos, e o não saber cantar devia ser tão deshonroso como não saber ler e escrever. E acrescenta: bem triste e bem inutil será a existencia daquelle a quem não apraz cantar quando é feliz, nem pode aproveitar qualquer das mil occasiões em que a sua canção seria para os outros motivo de contentamento.

Cantar — escreve por sua vez o illustre educador Agostinho Campos — é util porque é agradável e bello, porque desafoga o sentimento, suaviza o trabalho,

distrahe a tristeza. E si o povo gozta de cantar, como comprehender que a escola do povo não adopte o canto como um dos mais efficazes meios de educar? Pelo canto, allivia a nossa escola primaria a tarefa do estudo; pelo canto, dará ás creanças a melhor gymnastica do peito e da voz; pelo canto, vehiculo alliado, fará penetrar agradavelmente na alma dos pequeninos, conhecimentos, ideal, entusiasmo, patriotismo; pelo canto, atrairá mais do que por outros incidentes e espalhará em torno de si belleza e arte.

Na remodelação, portanto do ensino publico, não podia o nosso governo esquecer, como não esqueceu, esse lado importante do problema, e, para que fosse uma realidade entre nós o canto infantil, mandou editar um repertorio adequado de hymnos e canções escolares, determinando ao mesmo tempo que o professorado da Capital fosse ministrada uma serie de explicações tendentes a uniformisar os processos de ensino, de modo a ter o canto nas nossas escolas a indispensavel proficiencia.

Dadas, como já foram, essas explicações em ligeiro curso que tivemos o prazer de entreter perante as professoras da Capital, vamos procurar resumilas nesta Revista, afim de que todo o professorado do Estado fique ao par do methodo que deve adoptar para o novo ensino do canto e para o manuseio perfeito do nosso Cancioneiro e do nosso Hymnario.

Não bastam, entretanto, livros nem programas ou instruções escritas: faz-se mister, tambem, a cooperacão dedicada dos professores mineiros, que, administração, tão patrioticamente empenhada em melhorar o ensino publico em todas as suas categorias e modalidades.

Para que essa collaboracão do professorado surta o exito desejado, convem muito que elle tenha conhecimentos completos do methodo ora adoptado e o saiba empregar conscienciosamente.

Afigura-se-nos facil obter esse esforço solidario e convergente de todos os professores, porquanto é notoria a abnegação heroica e a solicitude carinhosa e infatigavel com que elles se voltam ao desempenho das suas arduas e benemeritas funções, promovendo a grandeza e a felicidade da patria pela instrução e educação dos nossos pequenos concidadãos.

A musica na escola primaria é a musica na educação da infancia. Essa educação, no que pode ter de systematico, comprehende o ensino das artes, entre as quaes occupam lugar preponderante, como sabemos, o desenho e a musica. Deixando de carinhosa e desenhos, tratemos simplesmente da arte sentimental e emotiva por excellencia, aquella que, sem exigir, como as outras bellas artes, uma aprendizagem especial, nas torna aptos a poder apreciar as suas produções e mesmo realisar-as — a musica — que é, por isso mesmo, a mais popular e a mais socialive das artes estheticas.

Sendo a musica a combinaçáo dos sons e os sons só existindo para quem pode receber a sua impressáo no orgáo auditivo, claro é que o seu ensino deve ser iniciado pela educação do ouvido.

Cumpra, pois, nos primeiros annos da educação, infantil, cultivar o ouvido, não exigindo da creança senão uma repetição intuitiva.

Começaremos por fazer cantar pequenas canções bem singelas, depois côros muito simples, que as creanças repetem de ouvido. A professora canta uma phrase musical muito facil e os alumnos repetem-na em seguida, a principio sem a preocupação da letra e depois com a respectiva letra.

Salvo raras excepções, todas as vózes infantis são aproveitaveis. Nessa phase, os meninos e as meninas tem geralmente a mesma voz, voz provisoria, chamada voz de leite, porque, como os dentes de leite, desaparece mais tarde para dar lugar á voz definitiva. Ideia ou má, forte ou fraca, afinada ou não, todos, emfim, tem uma voz, isto é, a facultade de produzir sons com caracter musical.

Difficilmente poder-se-á encontrar um menino totalmente desprovido de voz, aphónico, incapaz de emitir os seguintes sons:



A voz infantil, é verdade, não tem a extensáo, o timbre, o calor, a ternura da voz do adulto. O seu timbre juvenil, entretanto, possui um encanto particular, um grande poder emotivo, qualquer cousa de celestial, e de baixo de bella direcção pode adquirir uma intensidade e um volume bem apreciaveis, principalmente nos côros.

A par, portanto, da educação do ouvido, devemos cuidar com especial attenção e prudencia da fragil voz infantil.

Inemos, pouco a pouco, corrigindo pequenos defeitos, procuraremos melhorar o timbre, ajustar a afinação, etc. Isso, suavemente, sem constrangimento ou esforço para o alumno, pois a hora do canto deve ser sempre de alegria, de descanso e de recreação, nunca de aborrecimento ou cansaço.

No mais, todo o empenho deve ser para conservar as qualidades naturais da voz, principalmente a espontaneidade e a frescura, qualidades preciosas e que, uma vez perdidas, não se podem mais reaver.

Por essa forma, conseguiremos aproveitar da maneira completa e linda a influencia que a creança tem geralmente para o canto.

Inelizmente, a experiencia tem demonstrado que, ao contrario disso, por falta de cuidado ou de uma boa orientação, muitas vezes commetemos o grave erro de perturbar e prejudicar, embora inconscientemente, o desenvolvimento natural da voz da creança.

Ninguém pode crear vózes — diz Lavignac — nem mesmo auxiliar a sua formação; é um dom natural, que depende inteiramente da conformação do apparellho vocal, mas — accentua o mesmo professor — podemos favorecer o trabalho da natureza, e é abstendo-nos de oppôr obstaculos a esse trabalho e por outro lado removendo com intelligencia as pequenas imperfeições e defeitos que vão sendo notados, que conseguiremos o desejado exito do canto nas nossas escolas.

(Continúa)

Como deve ser a professora para exercer, com exito, a arte de ensinar

Cuidados e hábitos. Naturalidade na voz e nos modos.

O optimismo. O enthusiasmo. Observações interessantes

Si as professoras gastassem mais tempo em organizar as aulas, formar-se-iam melhores hábitos que tornariam o trabalho mais bem feito e mais efficiente. Muitas vezes o methodo de apresentar o assumpto é mal delineado e a introdução do periodo escolar é uma arenga histerica seguida de canção physico e mental da parte dos alumnos. Frequentemente, a desordem continúa durante o tempo marcado para o estudo e, com poucas excepções, ninguém tira particular proveito delle.

O mal está, não tanto na ignorancia technica da professora mas na sua inhabilidade para focalisar a attenção da classe nos problemas que ella tem em mente. Este estado de cousas, em muitas circumstancias, pôde ser attribuido á ausencia de alguns principios fundamentais que são basicos em qualquer methodo de ensino.

O primeiro característico é a naturalidade da professora. Ha diversas coizas que contribuem para a falta de naturalidade; porém, por enquanto, tratemos, em primeiro logar, da voz. Não é raro uma professora ter uma voz bem modulada fóra da escola e mud-la quando apparece diante dos meninos. Nas horas de trabalho, sua voz é alta, estridente e aspera ou, então, lammentia. A professora que, em todas as circumstancias, falla com clareza, calmamente e sem muito barulho, possue uma qualidade que muito contribue para dominar os alumnos.

Caras professoras, não ha nada tão fatigante, tão tolo e tão absurdo, como adquirir o habito de reprehender. Imprime-se logo na expressão facil e torna-se um elemento de desanimo na aula. A professora que se esforça mais pelos alumnos não é aquella que está sempre reprehendendo por causa disto ou daquillo. E' signal de decadencia começar a professora a ver «manchas negras diante dos olhos». Mais do que qualquer outra pessoa, ella precisa de optimismo no seu trabalho, como espirito guaiador, porque assim como a anima e sustenta, assim tambem dará coragem e inspiração aos alumnos.

A professora que começa o dia esperando somente o melhor, dando somente o melhor, receberá somente o melhor e, quando lhe perguntarem por que razão seu trabalho é feito suavemente e porque seus alumnos são espertos e contentes e ella propria é calma e feliz, responderá: «Sou optimista, espero sempre o melhor de tudo».

Não vos lamenteis todas as vezes que surgir um problema difficil a resolver.

O segundo elemento é o da attenção. Conhece-mos a importancia da attenção individual ou collectiva,

mas, muitas vezes, na pratica, não se faz grande esforço para conseguil-a e prendel-a. O negociante que expõe sua mercadoria conhece a psychologia da attenção. E' interessante observar-se a compradora quando contempla uma vitrine caprichosamente arranjada. O interesse não custa a ser despertado e ella entra na loja onde o esperto negociante ainda estimula mais o interesse e aguç-a-se logo o desejo pelo objecto.

Podeis vos lembrar, por experiencia propria, de terdes entrado nalguma loja sem nenhuma intenção de comprar, porem depois de um caixeiro intelligente ter-vos mostrado certos artigos, fazeis o negocio. Se elle vos tivesse dito, simplesmente, que comprasse, provavelmente, tereis deixado a loja sem ter adquirido cousa alguma. Porque não applicar na escola algumas das tacticas dos negociantes? O que se disse em relação a elles, pôde empregar-se em relação a professora. Se esta se esforçasse em despertar o interesse tanto como o negociante, é provavel que o desejo de aprender, por parte dos alumnos, fosse muitas vezes multiplicado. E' evidente por si mesmo que é necessario empregar-se algum esforço para despertar o interesse, afim de que o alumno, voluntariamente, resolve desempenhar bem sua tarefa á ho a do estudo. Se a professora conhecesse a natureza humana seria capaz de inculcar aos meninos um intenso desejo de aprender. Não é necessario que ella gaste seu tempo para pôr em pratica artificios ou representar feitos espectaculars para estimular o alumno a aprender a materia e para chegar á conclusão de que, seu trabalho é digno de esforço; porém, em vez disto, deve consagrar algumas horas, todos os dias, para formular um methodo especifico de approximação. A seguinte synopse geral indicará o que se deve fazer.

Se ha perguntas que se cruzam, pontas de lapis que se fazem, crianças que atravessam a sala, que entram e sahem e o constante fallatorio (a professora de mistura com todo este barulho, não pôde haver aproveitamento. Supponhamos que a professora esteja constantemente chamando a attenção para a attitude physica dos alumnos, em voz lamurienta. Não abuseis da lingua e sede alegres e cortizes para as crianças.

A não ser que a professora tenha prestado especial attenção em dar direcções claras, desenvolve-se um obstaculo que será difficil vencer.

Frequentemente, encontramos pessoas que não têm habilidade para dar explicações e dissertar. Essas pessoas podem fallar durante tres ou quatro minutos e não se entende o que querem dizer. Se a professora tem este defeito, deverá adquirir a necessaria pratica para dar o primeiro passo na carreira

O methodo mais simples para este fim, é ler a lição que deve ser explicada antes de expôr o assumpto aos alumnos.

Em regra as explicações são positivas e geraes— não ha nenhum topico que desperte o interesse ou o desejo de estudar. Em toda lição devia haver certo numero de perguntas que obrigassem a pensar, que impelisssem o alumno a procurar em livros explicações satisfactorias. De vez em quando, fazei um alumno copiar vossa dissertação e, algum tempo depois deveis relel-a para verdes que inspiração ella despertaria em vós se fosseis o alumno.

Deve-se prestar particular attenção ao começo e ao fim das aulas. Se a quarta parte da classe não começa a trabalhar um minuto ou cinco minutos depois de ter começado o estudo, alguma coisa está, decididamente, atrapalhada. Do modo por que as

aulas estão agora organizadas, é necessario que o trabalho seja feito em grupos—parecendo mais ou menos com o systema adoptado no jogo de foot-ball. Se os alumnos têm licença de fazerem o que lhes apraz e quando lhes apraz, sem ordem, ha razão para acreditar-se que o estudo está sendo mal feito. Se quiser-se tirar o maior aproveitamento da aula é preciso que os ultimos instantes da mesma sejam bem aproveitados. Um team de foot-ball seria infalivelmente derrotado nos ultimos minutos do jogo se fizessem como alguns estudantes no fim das aulas. Para haver adiantamento, é preciso que não se deixe de trabalhar antes da hora de terminar a lição, o que acontece muitas vezes. O final de toda aula devia atingir a maior intensidade de trabalho. Deste modo o estudo será inteiramente aproveitado.

(Da Revista "Popular Educator")

O FOLK-LORE NAS ESCOLAS

O CHICO PREGUIÇA

(CONTO CAIPIRA)

NUNCA se vira em tempo algum criatura tão lerda e preguiçosa. Era a indolencia em pessoa. O animal tardigrado assim denominado pela lentidão da marcha e do movimento, comparado com elle, era um modelo de diligencia e um prodigio de actividade. De todas as posições que é susceptivel de tomar o corpo humano era a horizontal a unica que lhe agradava! A sua preguiça phenomenol já se tornara lendaria! A Detentor de uns braços truculentos e rijos, nunca entretanto se servira delles para qualquer especie de trabalho.

Até a comida muitas vezes era preciso que a mãe lh'a levasse á bocca. Si dependesse delle esse movimento instinctivo de auto-conservação que todo animal possue, ainda mesmo o mais estúpido, certo teria succumbido de fome ou de inanição.

Inutil, imprestavel, enquanto os companheiros labutavam por fóra, nas lides intensas da lavoura, na moagem ou no trato de gado, elle se deixava ficar para ali, espapado e até mesmo sem disposição para enxotar as moscas impertinentes e as muitas pulgas que lhe applaudiam a indolencia.

Podiam sigal-o socegadas!...

Os camaradas e os garotos troçavam delle impiedosamente.

Punham-lhe «moscas», feitas de brazinhas de phosphoros, fincadas a seu cachaco roliço; chamavam-n'o de lesma e parasita e si não puzeram fogo o alguma vez na sua cama de ervas, era porque ninguém queria ser culpado de tel-o frigidado a «gordura».

Não n'o taxassem de vagabundo! Isso não!... Esse nome o gerizava.

Essa virtude elle não possuia:—elle tinha preguiça de vagabundar!

Quanto ao mais, elle aturava calado, sem nem um gesto de revolta, forçado ás vezes a lamentar-se, quando as chuvras eram mais pesadas ou quando alguém lhe ia ao pello.

Soltava então surdos grunhidos como um gordo canastrão na séva.

Finalmente os camponeses entraram a achar que tanta preguiça já ultrapassava os limites do toleravel e entenderam um dia de livrar sua pobre mãe e sua sociedade daquelle trambolho inerte que já se lhes ia tornando tão pesado.

Não era possível que, naquelle meio de actividade e labor, se conservasse um malandro assim robusto completamente inutil a si e aos seus.

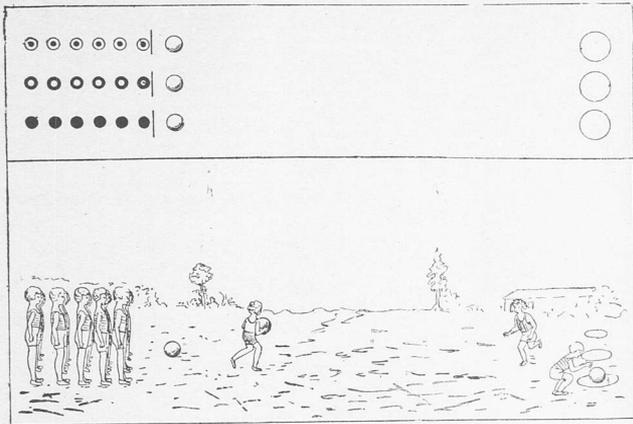
Que mau exemplo para os que viessem depois!...

Deliberaram, pois, enterral-o assim mesmo vivo e são como estava.

E o Chico estava tão imbecillado pela preguiça annulladora que não encontrou na sua profunda inercia forças bastantes para se oppor ao horrivel supplicio a que o acabavam de condemnar e no qual só via uma vantagem: um repouso completo e imperturbavel!

A tudo se submetteu elle com a paciencia apalermada dos nullos, incapazes de qualquer reacção,

JOGOS DA BOLA



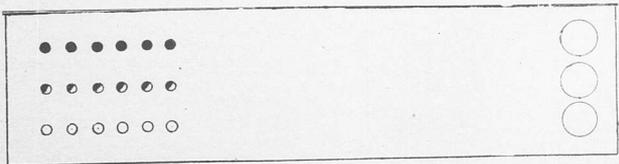
Material—Terão tantas bolas n. 3, quantas forem as turmas que porfiarem.

Regra—Poderão tomar parte dois ou mais partidos.

De um lado do pátio collocam-se os alumnos em columnas, com as bolas em frente aos primeiros de cada partido.

bola; correm, batem com a mesma no circulo traçado e, de volta, entregam-n'as ao segundos. Estes executarão o mesmo que os primeiros. E assim se continuará.

O partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores, marcará 1 ponto.



A uma distancia de 10 a 20 metros, traçam-se tantas circunferencias de 0,m60 de diametro, quantas sejam as turmas.

Dado o signal, os primeiros alumnos de cada partido empunham, cada um de per si, a respectiva

A partida pôde ser disputada, em tantos pontos quantos os que o professor julgar convenientes.

Material—Tantas 'bolas n. 3, quantas as turmas em porfia.

assistindo, impassível e mudo aos preparativos do proprio funeral.

Preparada uma dessas rédes ainda em uso no interior para carregar enfermos e defunctos, dois latagões dos mais robustos largaram em busca do «Lesma». Foram enconral-o a dormir, espichado sobre uns feixes de capim meloso.

Sacudiram-n'o violentamente. O bruto abriu a custo um olho e avistando com elle a maca, esboçou um voluptuoso sorriso, prelibando o prazer immenso de viajar deitado naquella réde macia!

Agarrando-o um pelos hombros e o outro pelas pernas, encaixaram-n'o dentro da réde e tomando cada um os extremos da vara que a sustinha, abalaram, vergados ao grande peso da carga, através dos campos áquella hora amadorrados pelo sol causticante do estio.

E, atraz delles, o funebre cortejo se engrossava, sumando para o cemitério da villa.

Ao passar o prestilo por uma fazenda, o proprietario, que se achava á varanda, palitando os dentes, indagou, curioso:

—Quem é que vão levando ali nessa réde?

—F' o Chicão, que vamos enterrar; informou um dos carregadores.

—Não conheço infelizmente o morto!

—O morto não está morto não, sió coroné; bem divinhu que elle está!

—Pois o *cadavre* está vivo?! exclamou,espantado, o fazendeiro.

—Está vivo e bem vivo, viva Deus!

Elle vai ser enterrado por que não serve para coisa alguma; só serve para engulhir.

E' uma carga para a pobre da mãe e um escarneo para todos nós que consideramos o trabalho como uma segunda religião.

Resolvemos, assim, enterral-o em vida. Isso servirá ao menos de escarmento para os nossos filhos!

O fazendeiro, horrorizado e condoido, não podia comprehender que se enterrassem assim um christão em plena exuberancia da vida e propoz, procurando dissuadi-l-os do sinistro intento:

—Deixem o preguiçoso ficar aqui, na fazenda. Sempre ha de trabalhar um pouquinho.

Tenho continuou o coronel—alguns saccos de arroz da ultima colheita . . .

Nesse ponto, interrompendo o fazendeiro, o molenga, deitando, com grande esforço a cabeça fóra da réde, perguntou-lhe, arrastando a voz:

—Mas, seu coroné, o arroz é com casca ou sem ella?

—E' com casca, respondeu o fazendeiro.

—Entonces é ainda para pilar?

—E' ainda para pilar, afirmou promptamente o outro.

—Antão, o dito por não dito—disse, com voz leda mas decisiva, o Chicão. E, recolhendo novamente a cabeça, voltou-se para os carregadores:

—Vamos! Toquem o enterro, camaradas!

FOLK

OS JOGOS NAS ESCOLAS

HORAS DE ALEGRIA E DE FORÇA

A cultura physica aperfeiçoa e embelleza o corpora humano. Haja vista a superioridade aristocratica do typo inglez. Na Inglaterra, os jogos escolares é que constituem a gymnastica da mocidade escolar.

O jogo gymnastico é a mais natural fórma de exercicio; é o melhor meio de por a criança em actividade physica. Consorcia os movimentos simples ás altitudes naturaes, de mais facil execucao na pratica pelos exercitandos.

Não ha nos jogos movimentos novos—ha apenas o aperfeiçoamento de movimentos, que já lhes eram familiares.

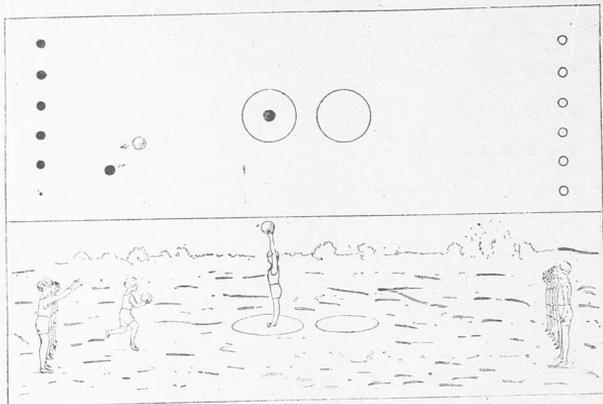
As crianças, que se dedicarem aos jogos, terão a superioridade, quer physica, quer moral, sobre os companheiros que tenham desprezado essa disciplina.

Nem todos podem ser fortes como Hercules, mas todos poderão, si o quizerem, adq'irir um desenvolvimento natural—resultado logico de um exercicio physico adrede feito e em regra.

Os jogos poderão ser ministrados pelo professor, que terá em mente a idade e as condições physiologicas do alumno.

Os exercicios com bolas—atrar e apanhar não visam sómente a habilidade e a dextreza; têm grande influencia sobre a educação da vista.

Iniciado o jogo, deve o professor permitir os gritos de enthusiasmo, naturaes, tanto aos contendores como aos assistentes, tudo, porém, sob o dominio immediato do apito commandante. Deve exigir a maior cordialidade entre collegas da mesma, ou de outra escola.



Regra—Poderão tomar parte dois ou mais partidos. De um lado do pátio collocam-se os alumnos em columna, devendo ficar um de cada partido do lado opposto, no interior do circulo traçado.

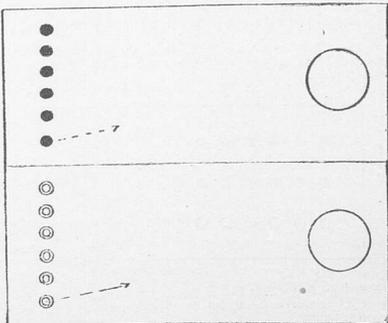
Material—Tantas bolas n. 3, quantas as turmas em portia.

Regra—Dividem-se os alumnos em partidos de 12 a 20 jogadores cada um, collocados na disposição do graphico.

Dado o signal, os primeiros alumnos de cada partido, do mesmo lado, correm ao circulo, apanham as respectivas bolas e arremessam-n'as aos companheiros de partido, que estiverem do lado opposto. Estes, depois de recebidas as bolas, correm com ellas aos circulos e, d'ahi, arremessam-n'as aos companheiros fronteiros, até que os ultimos, recebendo as bolas, trazem-n'as para collocar-as dentro dos circulos.

A partida pôde ser disputada em tantos pontos, quantos os que o professor julgar convenientes.

Dado o signal, os primeiros alumnos de cada partido levam a bola ao interior do circulo, que lhes fica fronteiro. O alumno que ali estiver apanhará a bola e irá entregal-a ao companheiro da frente, ao passo que o primeiro omará a sua posição no circulo.



E assim se continuará. O partido que, antes de qualquer outro, ultimar o trabalho de todos os seus jogadores, marcará 1 ponto

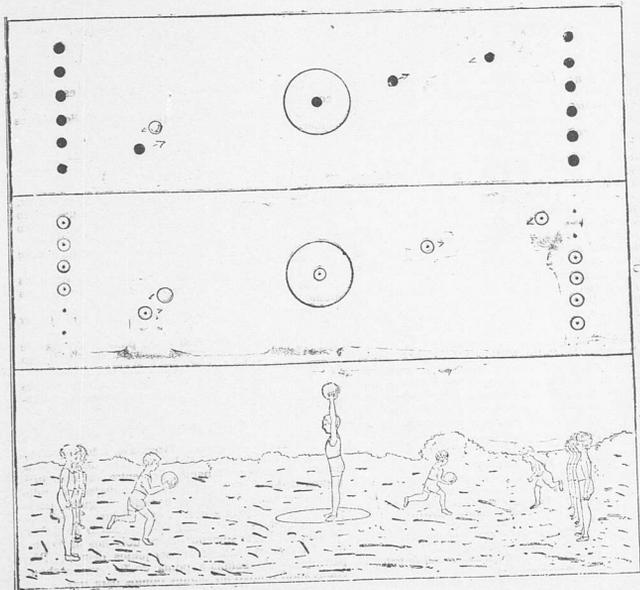
Material—Duas bolas n. 3.

Regra—Poderão tomar parte dois partidos.

Os alumnos de cada partido collocam-se de cada lado do pátio, havendo duas bolas collocadas no centro do circulo e voltar a seu lugar, sem prejudicar a carreira do companheiro.

E assim se continuará.

Uma vez arremessada a bola, o alumno deve sair do circulo e voltar a seu lugar, sem prejudicar a carreira do companheiro.



tro de cada um dos circulos, traçados conforme o desenho acima.

Dado o signal, os primeiros alumnos de cada partido correm, apanham a bola e arremessam-n'a aos segundos; estes executarão o mesmo que os primeiros, arremessando a bola aos terceiros.

O partido que, em primeiro lugar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores, marcará 1 ponto.

A partida pôde ser disputada em tantos pontos, quantos os que o professor julgar convenientes.

Este jogo é identico ao anterior, porém, os partidos obedecem a outra disposição no terreno.

O ensino de costura e trabalhos manuaes no curso primario

NOVA ORGANIZAÇÃO E NOVOS RUMOS

ENTRE os novos objectivos que ressaltam das paginas do Regulamento do ensino figura o de imprimir uma forma mais ampla e mais effectiva ao ensino de costura e de trabalhos manuaes nos estabelecimentos do Estado. Applicando com a mais alta visao, como tem applicado, os preceitos e innovações daquelle Regulamento, o governo não podia deixar para plano secundario o objectivo que assignavamos. O ensino da costura e de trabalhos manuaes não deve ser feito de um modo mechanico, sem uma orientação intelligente. E, assim pensando, decidiu o governo introduzir a esse respeito, em nossas escolas, rumos novos e linhas modernas, de maneira que este curso tenha, como deve ter, um accentuado cunho de realidade.

Para esse fim, chamou a esta Capital a senhora Bella Kolb, professora do Collegio Carlota Kemper, de Lavras, professora dedicada aos Estados Unidos um curso especial.

A senhora Bella Kolb realizou então aqui, na Escola Normal Modelo, um curso para as professoras, tendo organizado nosso aulas, "com o assumpto e delle concededora, tendo feito nos Estados Unidos um curso especial.

A senhora Bella Kolb realizou então aqui, na Escola Normal Modelo, um curso para as professoras, tendo organizado nosso aulas, "com o assumpto e delle concededora, tendo feito nos Estados Unidos um curso especial.

CURSO DE COSTURA

FINS GERAES

- I — Cultivar o gosto artistico das alumnas.
- II — Bons habitos de trabalho.

- a) Economia de tempo e material.
- b) Cuidado proprio do material.
- c) Uso correcto dos implementos.
- d) Habitos correctos de posição.

- III — Desenvolver o « bom gosto ».
- IV — Cultivar um ideal alto quanto ao trabalho manual.

- V — Estudar e conhecer os tecidos mais usados.

NOTA—Que é « bom gosto »? A sensibilidade de conhecer belleza, ordem, proporção e symetria. Qual quer cousa que constitua excellencia. E' um ideal pessoal.

Chamaremos neste curso cada costura — um problema.

Cada problema escolhido para uma classe deve conter alguma lição nova para as alumnas, juntamente com a repetição de aquellas já aprendidas.

O problema deve sempre ser util e em conformidade com as regras do « bom gosto ».

Deixar a alumna, quanto for possível, desenvolver a sua individualidade.

Desenvolver nas classes o desejo ou o espirito de cooperação.
Conhecimentos basicos para serem applicados aos diferentes problemas.

I — OS PONTOS E SUAS APPLICAÇÕES

1 — Alinhavo

Confecção — Ha 4 diferentes modos de alinhavar.
a) Alinhavo igual — é como se fosse um ponto por cima outro por baixo, tendo os pontos e espaços o mesmo tamanho.

Aplicação — E' usado quando a costura deve ser experimentada no manequim ou dona.

b) Alinhavo desigual — As distancias entre os pontos são duas ou mais vezes maiores do que os pontos.

Aplicação — Usado em costuras que não vão ser experimentadas.

c) Alinhavo diagonal — Os pontos ao envez de serem feitos um após o outro em linha horizontal, são feitos um ao lado do outro em linhas obliquas.

Aplicação — Quando se quer unir dois pannos um sobre o outro. Usado mais pelos alfaiates e chapelletes.

2 — Ponto de bainha

Confecção — Segurar a fazenda na mão esquerda, depois de alinhavada a bainha. Costurar de cima para baixo. A margem da bainha fica entre os dois primeiros dedos a mão esquerda. O polegar e o indicador guardam a fazenda em posição. A agulha deve sempre apontar para a mesma que costura. O nó encaixa qualquer costura. Esconde-o em baixo da dobra da bainha. Pregar somente um ou dois fios da fazenda. Os pontos não devem ser juntos demais. Pôr para dentro da bainha a ponta do fio que acabou, começando o novo fio alguns pontos para traz.

Aplicação — Costurar barras de saias, bainhas de toalhas, lenços, etc.

3 — Chulear

Confecção — Dar nó na linha. Segurar o trabalho sobre o indicador da mão esquerda. Começar da direita para a esquerda. Os pontos devem ser feitos a distancias e profundidades iguaes. A agulha apontando para o hombro esquerdo de quem costura. No virar um canto fazer a agulha passar pelo mesmo lugar do ultimo ponto, formando com a linha a letra V.

Aplicação — Para não deixar desfilar a margem cortada dos tecidos. Para acabar por dentro costuras feitas em fazendas muito pesadas.

Nota — Este ponto é usado para se pregar renda e fazer bainhas em guardanapos de linho. Nestes casos não se dá o nó na linha.

4 — Ponto de machina

Confecção — A machina.
Conhecer — a) Nome das partes principais e utilidade de suas peças.

b) Como regular o tamanho do ponto e a tensão

c) Como lubrificar.

d) Como evitar pontos em falso.

e) A posição correcta das bainhas antes de começar a costurar.

f) Como encher a bobina.

II — AS COSTURAS E SUAS APPLICAÇÕES

Ha 4 diferentes costuras.

1 — Costura franceza

Confecção — Alinhavar para o lado direito da fazenda as duas margens que vão ser ligadas. Passar na machina, tirar o alinhavo, cortar bem perto dos pontos as margens onde a fazenda desfil. Dobrar para dentro a costura já feita, formando uma prega no avesso. Alinhavar, passar na machina e tirar o alinhavo.

Aplicação — Usada para pregar rendas largas, bordados, babados, etc., em roupas brancas ou laváveis onde não vae haver ferro.

E' a melhor costura para as curvas e fazendas transparentes.

2 — Sobrecostura

Confecção — Alinhavar os pannos juntos tendo as duas pontas das margens na mesma altura e no avesso da fazenda. Passar na machina a alguma distancia da ponta. Tirar o alinhavo, abrir a costura e cortar um dos lados perto do ponto da machina. Dobrar a margem que não foi cortada prendendo-a á fazenda.

Aplicação — Usada nas costuras que exigem resistencia e pouco volume, como roupas brancas de crianças, especialmente nos lugares onde a roupa vae encostar no corpo, enxovaes de recemascados, camisas de homens, etc.

3 — Imitação da costura franceza

Confecção. — Ao envez de ser feita pelo direito é costurada pelo avesso. Uma das margens é cortada a margem que não foi cortada e alinhavada sobre a fazenda, ella é apenas dobrada até os pontos da machina e costurada geralmente á mão, aos mesmos pontos da machina.

Aplicação. — E' usada para cavas de mangas sem franzido e em roupas feitas de flanela.

4 — Imitação de sobrecostura

Confecção. — E' feita como a sobrecostura, com a diferença que não se corta uma das margens, porém, as duas são dobradas e costuradas sobre a fazenda.

Aplicação. — Usada onde houver necessidade de grande resistencia.

III — BAINHAS

Ha 4 diferentes bainhas.

1 — Bainha acompanhando a orela ou fio do urdume

Confecção. — Cortar a orela antes de dobrar a bainha, porque seu tecido sendo mais apertado entolhe depois de lavado.

Aplicação. — Lados das toalhas, aventaes etc.

2 — Bainha acompanhando a largura da fazenda ou fio da trama

Confecção. — Dobrar a bainha, alinhavar e costurar.

Aplicação. — Barras de saias sem talho, lados de toalhas, etc.

3 — Bainha feita na margem convexa dum curva

(Embinhar um circulo maior a um m nor).

Confecção. — Diminuir roda externa do talho por meios de pregas que são alinhavadas antes da segunda dobrada bainha.

Aplicação. — Barras e babados muito talhados.

4 — Bainha feita na margem concava de uma curva

(Embinhar um circulo menor e um maior).

Confecção. — No alinhavar esticar levemente a extremidade da fazenda para que este fique do tamanho da fazenda onde vae ser costurada. Só pode ser bainha de uns 3 a 4 mm.

Aplicação. — Cavas e golas de rouças brancas.

IV — BABADOS

Confecção. — Um babado pode ser pregado com costura franceza, sobrecostura, com uma tira de fazenda ou bordado, com cadarço, ou ponto russo. Um babado deve ter 1 1/2 vezes a roda da costura onde vae ser pregado. Medir a roda da saia e dar mais a metade daquella medida para o franzido do babado.
Aplicação. — Para roupas brancas é preferivel que o babado seja pregado com a costura franceza.

V — MANEIRAS

Ha 3 modelos.

1 — Maneira com prega.

Confecção. — Cortar a maneira do comprimento desejado. Verificar qual o lado esquerdo da maneira (sejagar a costura pelo direito com maneira para cima, virada para seu lado) fazer nelle uma bainha estreita (1/2 cm) diminuindo ao passo que chegar no fim do talho. Do lado direito do talho fazer uma outra bainha, mais larga do que a primeira (1 1/2 cm) até o fim do talho. Costurar a machina; tirar os alinhavos; passar a bainha larga sobre a estreita, formando na extremidade do talho uma prega. Posponar.

Aplicação. — E' usada para roupas brancas, vestidos, camisolas de nenés etc.

2 — Maneira lisa

Confecção. — Cortar a maneira do comprimento desejado. Cortar uma tira duas vezes o comprimento do talho e duas vezes mais larga do que a largura da maneira depois de prompta. Alinhavar a tira com

o direito da fazenda virado para o avesso da costura e passar um posponto estreto de uma a outra extremidade do talho. Tira o alinhalvo, virar a tira, dobrando pelo meio, para o direito da costura, fazendo a margem apertar cobrir os pontos da machina. Alinhalvo, passar na machina, tirar o alinhalvo.

Aplicação—A mais facil e mais applicavel das maneiras. Para vestidos, roupas brancas, etc.

3 Maneira de duas tiras.

Confeção—Cortar a maneira. Cortar duas tiras, umas duas vezes mais larga do que a outra, porém do mesmo comprimento. Alinhalvo a lado direito do talho a tira mais estreita com o direito da fazenda sobre o direito da costura. Pospontar e tirar o alinhalvo. Virar toda a tira para o avesso da costura, alinhalvo sobre a fazenda, pospontar e tirar o alinhalvo. Sobre o lado esquerdo do talho alinhalvo a tira mais larga com o direito da fazenda contra o avesso da costura. Pospontar e tirar o alinhalvo. Dobrar a tira pelo meio) fazer a margem apenas cobrir os pontos da machina, alinhalvo, pospontar e tirar o alinhalvo. Onde termina o talho da maneira e as pontas das tiras fazer o lado direito passar sobre o esquerdo dobrar as pontas das tiras, alinhalvo, pospontar e tirar o alinhalvo. Não deve formar prega no fim da maneira.

VI—BOTÕES E CASAS DE BOTÕES

Botões de quatro buracos devem ser costurados formando na face do botão duas linhas paralelas. As linhas paralelas geralmente correndo de cima para baixo. Como ornamento podem ser costurados à vontade.

Confeção—Usar linha dobrada. Prender sem nó a linha no lado do panno no lugar onde se vai prender o botão. Colocar um alfinete sobre um botão chato ou embaixo dele se for muito concavo. Dar todos os pontos sobre este alfinete para que o botão não fique agarrado à fazenda. Depois de dados os pontos suficientes para fazer o botão, tirar o alfinete e passar a linha redor do botão varias vezes formando uma haste. Isto protege os pontos que prendem o botão. Arrematar no avesso sobre os pontos que prendem o botão.

Casa de botao

Confeção. Ha dois modos de collocar casas de botões. Quando cortadas perpendicular à margem ellas são mais resistentes e cortadas paralelas à margem são mais escondidas pelos botões. Uma casa de botão cortada perpendicular à margem é usada tanto para ornamento como para ser util. Por ser mais resistente é sempre usada para cintos e cozes de roupas de crianças. S Casas de botões devem ser cortadas do mesmo tamanho e a distancias iguaes umas das outras.

Existem tesouras proprias para cortar casas de botões. Estas têm um parafuso que regula o tamanho da casa de botão, porém com a tesoura commun obtemos o mesmo resultado.

Collocar a ponta da tesoura onde vae ser a ponta da casa de botão e cortar seguindo um fio da fazenda (quando for possível) até o tamanho desejado. Si o

botão é chato o talho deve ser do tamanho do diametro do botão. Si for globular a casa de botão deve ser mais comprida do que o diametro do botão.

Usar em tecidos communs linha n. 60. Comprimento da linha não mais de 1/2 metro. Linha de algodão para tecidos de algodão e linho e retroz para seda e lã.

Agulha curta e fina.

Segurar a casa de botão inclinada sobre o primeiro dedo da mão esquerda com a margem da costura entre o primeiro e segundo dedos da mão esquerda. Trabalhar da direita para a esquerda.

Sem dar nó na linha fazer de ambos os lados do talho um ponto de alinhalvo. Prender a fazenda o ponto de alinhalvo por meio de um leve chulcar da margem do talho da casa de botão.

Feita a armação começar a cear passar a agulha para o direito da fazenda, bem perto da extremidade, mais longe da margem da costura.

Dar o primeiro ponto, passando a agulha pelo talho bem perto da extremidade, fazendo-a passar para o lado direito, numa distancia da margem que evite de desfiar a fazenda. Antes de puchar a agulha, pôr a linha que passar pelo olho da agulha ao redor da ponta da mesma, passando a linha da direita para a esquerda por baixo da agulha. Os pontos são dados puxando a agulha para lá de quem costura e a laçada da casa de botão fica na margem cortada.

Os pontos devem ser tomados perto tendo mais ou menos um fio do tecido entre cada ponto.

Quando se acabar de dar a volta a casa de botão ha 3 modos de arrematar.

1. Fazer um laque de pontos como é feito ao virar o primeiro lado do talho.

2. Fazer uma barra de linha na extremidade da casa de botão formada de dois ou tres pontos um sobre o outro.

3. Casear a mesma barra.

CURSO PRIMARIO DE COSTURA

PRIMEIRO ANNO

Tres vezes por semana Períodos de 15 a 20 minutos

Seu alvo:

I— Apprender a enfiar a agulha; dar nó na linha; usar o dedal.

II— Praticar os pontos basicos da costura em cartões picotados.

III— Usar a tesoura nos trabalhos de recortar panno.

IV— Adquirir agilidade e bom gosto nas dobraduras e teclagem de panno.

METHODO DE APPLICAR O CURSO DE COSTURA

PRIMEIRO ANNO

3 VEZES POR SEMANA—PERÍODOS DE 15 a 20 MINUTOS

Enfiar a agulha—Os alumnos devem ser ensinados em conjunto. Cada periodo de costura é dedi-

cado a um de seus assumptos. A professora dirige sua classe ficando em pé, na frente dos alumnos, mostrando a todos, ao mesmo tempo, como se enfia uma agulha. A linha não deve ser cortada com os dentes. As agulhas usadas nesta classe devem ser de grossura media (n. 5) e a linha um pouco fina (D. M. C. 25) e vermelha porque é com esta linha que as crianças vão trabalhar nos cartões.

Feita a explicação, os alumnos vão experimentar a enfiar cada um a sua agulha. A professora andando agora de carteira em carteira auxilia os alumnos. E' bom mandar desfiar e enfiar suas agulhas muitas vezes. Este trabalho levará 15 a 20 minutos.

Nó na linha—Na aula seguinte recordar a lição da aula anterior e depois, da mesma forma que se ensinou a enfiar a agulha, ensinar a dar o nó na linha.

O dedal—O dedal deve ser usado desde o primeiro anno. A professora quando pedir o material para esta classe, deve frizar bem os seguintes pontos.

1.—A agulha não deve ser enterrada, torta, nem curva demais, preferivel n. 5.

2.—A linha deve ser D. M. C. 25 porque esta marca é conhecida como de cô firme.

3.—O dedal não pode ser de qualq. er tamanho, senão, em vez de auxiliar a criança no trabalho elle a incommoda, perdendo a criança o bom habito de costurar com dedal. Quando pedir o dedal, explicar em que dedo a criança vae usal-o e pedir que ella experimente na loja si o dedal serve.

Ao iniciar qualquer aula de costura a professora deve pedir para vêr os dedos nos dedinhos das crianças.

Cartões de alinhalvo—Estes cartões estão à venda nas melhores papelerias. São chamados «Serie de Alinhalvos de elementos e combinações Bresser e Rocas».

As escolas em geral fornecem os cartões. Elles vêm em collecções de 12 modelos e 12 cartões picotados.

As crianças devem ter um caderno para guardar as collecções excutadas. Todo o seu trabalho de costura pode ser guardado neste caderno na ordem em que forem confeccionados. Incluir sempre na mente da criança que todo o trabalho feito por suas mãos tem valor. Nunca destrui-o.

A tesoura—A criança precisa adquirir pratica no uso de tesoura. Ella luta com difficuldade no principio de cortar e por esta razão os trabalhos de recorte devem ser muito simples. Cortar quadrinhos de papel de côr (papel de cartucho). Dividir estes quadrinhos depois de fazer uma linha, dobrando-o pelo meio em outros quadros menores.

Cortar circulos, corações, esboços faces de animas e crianças. Cortar figuras de revistas, etc.

No 1.º anno todo o trabalho de recortar deve ser riscado para a criança.

Nestas aulas estamos applicando os principios basicos do talho.

A professora desta aula deve combinar com a professora de linguagem, arithmetica, etc., para usar nas suas aulas o trabalho feito pelos alumnos da aula de recortar panno. Os quadros, circulos, triangulos etc. podem ser usados nos cadernos de arithmetica com

muita vantagem. As figuras cortadas de revistas podem servir de assumpto para seus composições, etc., e etc.

Dobraduras e teclagem Este trabalho tem também a sua relação com a arte de costurar—Os alumnos adquirem agilidade, desenvolvem sua capacidade mental, são auxiliados no conhecimento do bom gosto, na escolha e combinação das côres.

SEGUNDO ANNO

3 VEZES POR SEMANA — PERÍODOS DE 30 MINUTOS

Seu alvo:

I Recordar todos os pontos aprendidos em cartões, usando modelos mais custosos.

II Estudar os numeros das linhas e agulhas.

III Fazer dobraduras e recortes.

IV Aplicar os pontos ao panno.

Problemas:

I Um panno para tirar pó.

II Um porta agulhas ou limpa pennas.

METHODO DE APPLICAR O CURSO DE COSTURA

SEGUNDO ANNO

3 VEZES POR SEMANA — PERÍODO DE 30 MINUTOS

Notas—Neste anno a professora deve observar muito a posição dos alumnos. Vêr sempre que elles usem o dedal. Que seus nós sejam bem feitos. Que a costura seja levada para perto dos olhos e não caiba para perto da costura. Curvar quando menos o passado a espinha dorsal. Ter sempre boa luz para o lado esquerdo.

Cartões.—Repete-se por «Series mezes a costura em cartões. Estes devem ser a «Serie de alinhalvos grandes» constando de figuras, mamiferos, aves e flores. Collecção de 12 modelos. Os cadernos ou albums devem ser usados neste anno.

Terminado o curso dos cartões, quando os alumnos estiverem promptos para passar do panno para uso do panno, a professora deve ter com elles uma lição de pratica sobre o estudo das diferentes grossuras de linha e agulhas. O methodo mais pratico é levar à aula diferentes carretéis de linha. Mostrar onde fica a numeração. Como correm os numeros. Qual a linha mais grossa e a mais fina. Quando usar da mais grossa ou da mais fina. Deixar os carretéis passar pela mão dos alumnos.

Si não for conveniente à professora arranjar os carretéis, ella pôde pedir aos alumnos que peçam ás suas mães para levarem à escola, só como amostra, diferentes numeros de linha. Quando for possível é bom desenvolver o espirito de cooperação entre os alumnos.

O mesmo se faz para o estudo das agulhas. Mostrar as agulhas grossas de costurar sacco. Algumas de bordar, fazer filez, crochet, tricôt, etc.

Costurar em panno—Começar por um problema util, porém, ao alcance de todas as classes. Um panno de tirar pó é bom problema. Não precisa ser tipetto

todos os annos, qualquer problema escolhido deve observar estes principios:

- 1—Não ser muito pequeno.
 - 2—Recordar os pontos aprendidos nos cartões.
 - 3—Não levar muito tempo para ser feito;
 - 4—Ser uma costura ull.
- Num panno para pó podemos ensinar as seguintes lições:

- 1— Dobrar bainhas que correm pelo fio do urdume e da trama.
 - 2— Alinhavar.
 - 3— Embainhar.
 - 4— Bordar— pontos feitos nos cartões.
- O bordado pôde ser riscado pela professora, no centro ou num dos cantos do panno.

O risco pôde ser de um dos moveis da casa ou as iniciais do alumno. Os riscos bem simples e em porto grande.

Dimensões do panno de pó: 50 cm/40cm.

Material—Americano ou morim, linha vermelha ou de carrelê n. 60. Um pedaço de cadarço para fazer a um canto uma alça para estender o panno.

Porta agulhas ou limpa pennas—Dá-se ao porta agulhas ou limpa pennas o formato de um livro. A capa é feita de etamine grosso (usado para trabalhos). A margem é acabada com ponto de baleta. Diferentes pontos aprendidos nos cartões podem ser applicados á capa.

As paginas do livrinho são feitas de flanela de lã ou qualquer outro tecido de lã. São cortadas menores do que a capa.

As margens das paginas podem ser chuleadas. Fazem-se duas paginas.

Estas são postas sobre a capa e um ponto grande alinhavo é dado pelo meio das paginas de cima para baixo.

A agulha entrando pelo direito da capa para dentro do livrinho pegando as paginas e tornando a passar para a direita da capa.

Não se puxa a linha até o fim, amarrando-se as pontas do lado do direito num nó cego e depois num laço. Esta linha deve ser grossa.

As paginas do livrinho servem para nellas se pregem agulhas ou limpar pennas.

Material—Etamine grosso, flanela de lã, linha grossa de côr.

O material das capas pode ser comprado pela professora e dividido entre as crianças. Dividindo-se o numero das capas cortadas pelo custo do material, cobra-se a cada criança somente aquelle pedacinho usado.

Para as paginas pede-se aos alumnos que tragam de casa retalhos de fazendas de lã, destes a professora cortará as paginas para todos.

Linha grossa de côr as crianças tambê a podem trazer de casa.

Dimensões — A capa 20 cm/10cm.

TERCEIRO ANNO

TRES VEZES POR SEMANA — PERIODOS DE 30 MINUTOS

Seu alvo: — *Aulas theoreticas*

1 — Aprender a conhecer os tecidos mais sim-

ples e communs: morim, americano, riscado, zephir, voili, flanela, fustão, linho e seda.

2 — As diferentes origens dos productos texteis.

II — *Aulas praticas*
 Applicar nos problemas o seguinte:
 Bordado — ponto de cadeia, haste, margarida, ull-nhavo duplo.

Costura franceza, bainhas acompanhando o fio da trama e urdume das fazendas.

Maneira simples: franziço; pregar um côz, uma gola, renda, alças; pregar colchetes; serzir meias.

III — *Applicação*

- 1 — Um sacco para guardar meias.
- 2 — Um avental.
- 3 — Uma saia branca.
- 4 — Uma camisola de criança.
- 5 — Serzir meias.

METHODO DE APPLICAR O PROGRAMMA

TERCEIRO ANNO

3 VEZES POR SEMANA — PERIODOS DE 30 MINUTOS

Aula theoretica.

Os diferentes tecidos

Pedir que as crianças em casa peçam ás suas mães retalhos de diferentes fazendas. Explicar que não se querem das fazendas caras. Servirão retalhos dos vestidos, aventaes, roupas brancas.

É possível assim obter uma ou mais amostras dos tecidos a serem estudadas.

A professora, da frente da classe, mostrará, um por um, todos os tecidos, explicando do que foram feitos, qual o nome do tecido e para que são usados.

Fazer perguntas ás crianças sobre os tecidos das roupas que estão usando.

Quando a professora pedir ás suas alumnas o material para as aulas de costura, discutir primeiramente qual o material proprio, etc., etc.

As diferentes origens dos productos texteis
 Sabemos que todas as fazendas mais communs, têm sua origem de um dos 4 productos: algodão, linho, lã ou seda.

Contra as crianças como crescem ou são produzidas estas fibras.

Ensinar-as como lavar e tratar os tecidos das diferentes fibras.

Fazer conhecido o facto que existem imitações de quasi todos os tecidos

Flanela de algodão imitando lã.
 Algodão mercerizado imitando seda.
 Algodão imitando linho.
 Fibras vegetaes imitando seda.

Aulas praticas

Os problemas de costura do III anno devem ser mais difficis do que os do II anno, porém devem ainda recordar os pontos aprendidos no II anno.

A lista dos problemas de applicação podem variar á vontade da professora, porém ella deve sempre escolher problemas onde possa applicar os pontos, costuras, etc. que são classificados para cada um dos respectivos annos.

Exemplo—*Um sacco para guardar meias.*

Este problema pode ter qualquer forma, porém nelle devem ser recordados os seguintes pontos: alinhavo, bainha, ponto de cadeia e haste.

Como lição nova: ponto de margarida e alinhavo duplo.

Um avental—No fazer do avental recordar tambem alguns dos pontos e costuras feitas no sacco, porém novas costuras devem ser ensinadas, como: franziço, pregar um côz.

Uma saia branca—Recordar costuras já feitas no sacco e avental ensinando como lição nova a pregar alças, renda e fazer costura franceza.

Uma camisola de criança—No III anno podemos usar um molde facil que não tenha mangas para pregar.

Este problema presta-se para recordação de muitos pontos, bainhas, etc. e ainda temos que ensinar a pregar uma gola e colchetes.

Não é mais considerado de vantagem dar ás alumnas pannos para modelos onde certas costuras, pontos etc. são ensinados.

É mais pratico que se dêm as lições applicadas á propria costura. A criança aprende ao mesmo tempo duas lições: como fazer e onde applicar o que aprendeu a fazer. Por exemplo: colchetes de pressão não devem ser usados em roupas brancas.

Para incutir esta lição na mente da criança pregar colchetes numa camisolinha, num avental, e os botões na roupa branca.

Serzir meias.—Para esta lição pedir as alumnas que tragam de casa um par de meias com buracos pequenos. A razão de se pedir a meia é que nella podemos ensinar a por o «ovo de madeira ou vidro» usado para auxiliar no serzir das meias ou substituí-lo por um outro objecto como um limão ou bola de celluloido.

A professora deste curso fará para cada alumna, antes de dar as aulas, um molde da costura.

As crianças devem cortar seu proprio trabalho pelo molde dado pela professora.

Os pontos novos de bordado devem ser ensinados num retalho, tendo a criança a experiencia de começal-o na sua costura.

Cada criança deve receber seu risco e ter seu papel carbonô para riscar seu proprio trabalho. O risco deve ser facil, ao alcance da criança.

As alumnas de cada anno, devem todas ao mesmo tempo fazer o mesmo trabalho. O programma de cada anno é destinado a cada uma das alumnas e não para delle serem escolhidas as peças desejadas.

Este sistema é graduado e para bons resultados deve ser seguido na ordem do seu programma.

Os feitos das costuras podem variar de anno para anno.

QUARTO ANNO

2 VEZES POR SEMANA — PERIODOS DE 60 MINUTOS

1 — *Aulas theoreticas*

1—Conhecer alguns factos de Revolução Industrial.

2—Aprender a usar a fita metrica.

3—Aprender a usar a machina de costura.

II — *Aulas praticas*

Applicar aos problemas de costura. Pontos de bordado—Nô graveza, bainha de laça, crochet, bordado cheio e de applicação.

Costura franceza: sobrecostura; bainha em extremidades talhados; pregar babado; usar tiras enveizadas; pregar mangas; pregar botões e fazer casacos; pregar bordado.

Remendar roupas velhas.

NOTA—Costuras á machina s3 nos ultimos seis mezes do anno.

Problemas:

- 1—Um avental.
- 1—Camisa de dormir.
- 3—Vestido para criança.
- 4—Calça e corpinho para criança.
- 5—Vestido para si.
- 6—Remendar roupas.

METHODO DE APPLICAR O PROGRAMMA

QUARTO ANNO

2 VEZES POR SEMANA — PERIODOS DE 60 MINUTOS

Aulas theoreticas—As aulas theoreticas deste curso não devem ser isoladas das aulas praticas. Devem ser ensinadas em combinação com o outro trabalho.

Revolução Industrial. Explicando ás crianças o que foi a Revolução Industrial lembrar de mencionar os seguintes factos. Seu logar na historia — até os fins do seculo 18 existia o que pode ser chamado o sistema caseiro ou domestico da industria manufactureira.

As machinas eram trabalhadas á mão.

Foram as celebres invenções de H. Crompton, as machinas e meios de transporte a causa da Revolução Industrial.

A invenção das machinas hydraulicas e depois electricas augmentaram a produção.

Mulleres e homens deixaram de fiar e tecer em suas casas e as fabricas começaram a empregar homens e mulheres.

Havia agora necessidade de grande numero de operarios, trabalhando horas determinadas, sob um mesmo tecto e sob as ordens de um gerente.

Tornou-se necessario que o operario morasse junto da sua fabrica e por esta razão seus lares eram abandonados. Novas cidades surgiram e suas lares eram humildes eram construidas nas immediações das fabricas.

Houve um aumento extraordinario na produção do material e uma baixa consideravel no custo do producto.

A demanda continua do producto barato, porém pretenciosa, trouxe ao mercado um grande sortimento de falsificacoes. Os tecidos modernos são adulterados; a arte da imitação alcançou grande perfeição.

Um dos resultados da Revolução Industrial foi a mudança de logar da mulher no lar. Ella logo tornou-se consumidora em vez de produtora. Foi obrigada a deixar seu lar e procurar emprego como meio de vida.

Um dos resultados da Revolução Industrial foi a mudança de logar da mulher no lar. Ella logo tornou-se consumidora em vez de produtora. Foi obrigada a deixar seu lar e procurar emprego como meio de vida.

1—Conhecer alguns factos de Revolução Industrial.

Chamamos pois de Revolução Industrial a mudança dos métodos manufactureiro e dos meios de transporte produzidos pela introdução das machinas.

Fita métrica. Uma alumna do IV anno deve ter uma noção de como usar a fita métrica para medir as diferentes dimensões do seu corpo, para a confecção de uma costura.

Ensinal-a a medir comprimentos de blusas e vestidos.

Contorno do busto.
Contorno dos quadris.
Comprimento de manga.

Machina de costura. As alumnas no principio do segundo semestre devem ter algumas aulas para o estudo da machina.

Devem aprender a abrir a machina a pôr a correa, a encher a bobine, a pôr a agulha, a regular o ponto e a tensão das linhas etc.

A professora de uma aula de 25 a 30 alumnos deve ter pelo menos 5 machinas na sala de costura.

As machinas são numeradas e as meninas divididas em grupos. Estes grupos só podem costurar nas machinas para as quaes forem destinadas.

Não deve ser permitido que as meninas alinhavam ou tirem seus alinhavos sentadas á machina.

Não deve ser permitido que uma menina fique em pé ao lado da machina esperando sua vez para costurar.

Havendo um desarranjo numa machina, chamar as meninas do grupo que trabalha naquella machina para descobrir a culpada.

As meninas devem pagar as agulhas que quebram. Não é conveniente trocar linha cada vez que uma menina vae costurar, ellas devem combinar e cada

dia de costura, uma do grupo, enfiar a machina com sua linha.

A professora deve ter o caderno com o nome das meninas de cada grupo que costuram numa machina. Será bom uma ou duas vezes por anno trocar as meninas dos diferentes grupos.

Não deve ser permitida a conversa nas aulas de costura.

Aulas practicas.—Os moldes para cada problema ainda são cortados pela professora, porém a alumna corta a sua costura e deve guardar o seu molde.

Deve haver grande animação nas aulas para que a professora consiga guardar todas as alumnas no mesmo ponto na confecção dos problemas. Havendo uma alumna atrasada por faltar ás aulas, a professora deve explicar o que ella tem a fazer e a alumna levar o trabalho para casa e tratar de alcançá-lo até a aula seguinte as suas collegas.

A alumna que costura mais devagar e já sabe como fazer o trabalho, deve levar sua costura para casa para trazel-a no mesmo ponto em que estão as outras collegas.

Problema.—Um avental. Quando uma costura é para servir na alumna a professora deve fazer moldes de diferentes tamanhos.

Em geral 3 tamanhos é o sufficiente.

Um certo numero de moldes pequenos para as meninas menores, uns medios para as medias e uns grandes para as grandes. O feito sendo o mesmo.

Neste avental, como nos demais problemas do curso devem ser applicados os pontos, bainhas, etc. que estão no programma.

Os feitos devem mudar de anno para anno.

Cada grupo seguindo o mesmo programma, porém não tendo os problemas necessariamente os mesmos feitos.

PARA FAZER A RAÇA FORTE E ENERGICA ANDAR NA PONTA DOS PÉS

A Academia de Sciencias de Paris, em reunião effectuada em fins do anno passado, consagrou os preceitos de hygiene devidos ao Dr. Gantiez.

O Dr. Arsonval leu á dóuta assembléa um estudo de Hamard sobre «a marcha na ponta dos pés» ou, usando de expressão mais literal, «a marcha sobre o ante-pé».

Convém não confundir esse conselho com a attitude dos danzarinos, que se equilibram na ponta dos artelhos. Dahi a necessidade de uma terminologia exacta. E' precisamente sobre o ante pé que se deve andar, tal como no passo em que se dança o «fox-trot», ou como quando nos erguemos rapidamente, para apanhar um objecto pouco acima da cabeça.

O Sr. Hamard confirma, então, que essa gymnastica apruma a columna vertebral e activa maravilhosamente a funcção pulmonar. Eis como enumera as regras que lhe servem de base, deduzindo-as de estricte observação da anatomia e da physiologia: inclinar

o corpo para a frente, dilatar o thorax e, durante, 10 minutos, marchar sobre o ante-pé.

Ao fim de cada experiencia, sente-se uma sensação de bem-estar, pula-se automaticamente e rythmicamente sobre os artelhos, como si os musculos se tivessem tornado molas de aço.

Recomendando esse methodo, condemna, por outro lado, os saltos altos, que lhe são incompativeis. Os sapatos desse estylo obrigam a pessoa a apoiar-se na planta do pé; não permitindo o menor movimento que desenvolve os musculos dos artelhos.

E' preferivel o calçado de salto baixo, quasi sem salto, d'onde se conclue que as sandalias e alpercatas voltarão, talvez muito breve, ao rigor da moda.

Para execução das marchas, cuja orientação vámos dando, é de utilidade observarem — estas regras dictadas de accordo, «com a estricte observação da anatomia e da physiologia», para que a criança ganhe os beneficios hygienicos da educação do corpo.